



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

VIVIANE MARIA ALMEIDA ROCHA DA SILVA

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO:
Registros de uma experiência em salas de aula do ensino fundamental e médio.**

**SUMÉ - PB
2016**

VIVIANE MARIA ALMEIDA ROCHA DA SILVA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO:

Registros de uma experiência em salas de aula do ensino fundamental e médio.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Área de concentração: Linguagens e códigos.

Linha de Pesquisa: Educação do Campo e processos de ensino-aprendizagem.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Martins Negreiros

**SUMÉ - PB
2016**

S586v Silva, Viviane Maria Almeida Rocha da.
Variação linguística e ensino. / Viviane Maria Almeida Rocha da Silva. Sumé - PB: [s.n], 2016.

68 f.

Orientadora: Professora Dra. Mônica Martins Negreiros.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Variação linguística. 2. Linguística e educação. 3. Preconceito linguístico. 4. Fala e escrita I. Título.

CDU: 81:37(043.3)

VIVIANE MARIA ALMEIDA ROCHA DA SILVA

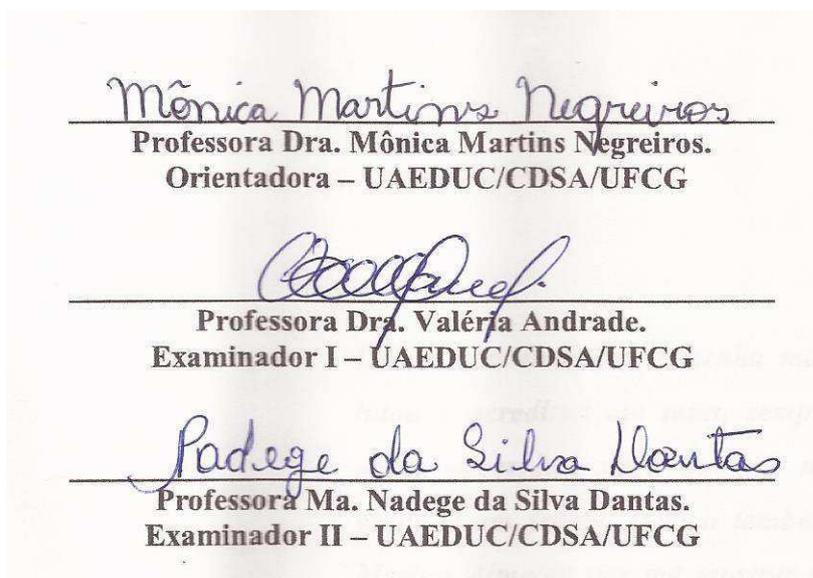
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO:

Registros de uma experiência em salas de aula do ensino fundamental e médio.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Área de concentração: Linguagens e códigos.

BANCA EXAMINADORA:



Trabalho aprovado em 19 de outubro de 2016.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho à minha mãe Claudia, que lutou e acreditou em mim, sempre me dando o apoio necessário para que eu não desistisse e seguisse em frente. Dedico também à minha avó Marina Almeida por me mostrar que a fé supera todas as dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS por ser a base de toda a minha caminhada, por ter me proporcionado momentos importantes para minha construção pessoal, e me ajudado a superar com paciência os momentos difíceis, sendo o precursor de todas as coisas, pois, afinal, fomos criados no amor infinito do pai maior e com o intuito de construir aqui na terra o ofício do amor em qualquer profissão.

Agradeço amorosamente a meu esposo Wagner Silva, que durante a minha caminhada acadêmica teve paciência, e, acima de tudo, foi um parceiro nas horas que mais precisei.

Agradeço carinhosamente à minha Professora Orientadora Mônica Martins Negreiros que, no decorrer do Curso, me ensinou e mostrou o verdadeiro papel de professor. E com toda sua paciência e dedicação me orientou, sendo membro importante para o desenvolvimento do meu TCC.

À professora Patrícia de Farias Souza, que sempre me incentivou e me deu oportunidade de atuar e participar das atividades da escola, disponibilizando duas de suas turmas para que eu realizasse minhas pesquisas para a construção deste trabalho.

A todos os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio (2016), da Escola Jornalista José Leal Ramos, do município de São João do Cariri-PB, que se disponibilizaram a participar da pesquisa mostrando-se receptivos às minhas intervenções.

A toda equipe de professores que, no decorrer do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, contribuiu para aprofundar meus conhecimentos.

À minha família que me ajudou ao longo do Curso.

Agradeço com todo amor e carinho a meus pais. Meu pai, José Rogério Rocha do Nascimento e, principalmente, à minha mãe, Claudia Almeida Rocha, que me ensinou a ser a pessoa que sou hoje e sempre esteve ao meu lado, me ajudando quando surgia alguma dificuldade, me incentivando a não desistir e comemorando cada vitória minha.

À minha avó materna, Marina Almeida, que foi umas das peças fundamentais para que eu chegasse até aqui, sendo muito perseverante na fé e acreditando em todo momento que eu seria uma vencedora acima de qualquer circunstância. E à minha avó paterna, Elvira Francisca, que sempre demonstrou um carinho enorme por mim.

A todos os meus tios Raquel Almeida, Ana Cléa Almeida, Hugo Almeida, João de Deus, Francicleide Almeida, Francisco Almeida, Sônia Almeida, Socorro Rocha, José

Romério Rocha do Nascimento e Helena Luiz da Silva (*in memoriam*) que, para mim, são mais que tios e sempre me deram forças e me auxiliaram.

Ao meu irmão Felipe Almeida, que sempre me incentivou na caminhada, e à minha irmã Lorena Rocha que, apesar de ser criança, sempre se preocupou com meus estudos.

A todos os meus primos Murilo Almeida, Marta Almeida, Sarah Almeida, que confiaram em mim e me deram forças.

À minha segunda família: minha sogra Madalena Araújo, meu sogro Marcos Roberto e meus cunhados Wanderleia Araújo e Walter Araújo, que acreditaram no meu potencial.

A todos os meus amigos que, antes de ingressar no curso, já faziam parte da minha vida: Waléria Pequeno, Tércio Ramon, Josicleide Guimarães, Hugo Morais, Patrícia Costa, Jackson Silvano, Dulce Brito, Robson Alves, Ytalo Ramos, e a todos que conheci ao ingressar. Gostaria de ressaltar os amigos Joshenilda Oliveira, Jozilene Ferreira, Izadora Nunes, Jonaths Barboza, e Anderson Batista como pessoas especiais que contribuíram muito para minha formação acadêmica e que fazem parte do meu dia a dia, como irmãos.

A toda equipe do PIBID DIVERSIDADE/LECAMPO pelos trabalhos desenvolvidos em parceria, os quais foram fundamentais para minha formação acadêmica, me auxiliando na prática como educadora.

A todos que contribuíram direta e indiretamente para minha formação acadêmica meus sinceros agradecimentos.

A língua não é simplesmente um meio de comunicação - ela é um poderoso instrumento de controle social, (...) de promoção ou de humilhação, de inclusão ou de exclusão. (Marcos Bagno)

*Não se pode escrever nada com indiferença.
(Simone de Beauvoir)*

RESUMO

Pretende-se através deste trabalho analisar o tratamento atribuído ao fenômeno da variação linguística, em sala de aula, por meio de observações, aplicação de questionário e investigação das formas de abordagem sobre o tema nos livros didáticos. Intenciona-se, ainda, verificar a presença das marcas da oralidade nas produções textuais escritas dos alunos do Ensino Fundamental e Médio, em duas turmas, (6º. e 1º anos), respectivamente, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, situada no Município de São João do Cariri – PB, campo de aplicação da pesquisa. Para tanto, respaldamos os nossos estudos em (BAGNO,1999; 2002; 2007; 2008), (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005), (MARCUSCHI, 2001; 2005; 2010), (ANTUNES, 2003; 2005; 2007), dentre outros. Por meio da pesquisa de campo e a análise dos dados coletados é possível constatar lacunas no trabalho com a variação linguística, em sala de aula, e a imposição de um modelo ideal de língua (a norma padrão). Nesta direção, é importante que se realize um trabalho sobre este fenômeno, nas escolas, a fim de evitarmos a disseminação do preconceito linguístico entre os próprios alunos e a comunidade na qual estão inseridos. É preciso avaliar todas as formas de uso da língua em função de um contexto, de uma situação de comunicação, como sendo formas, igualmente, eficazes de comunicação, considerando que a língua varia e muda sempre que se fizer necessário. Após algumas análises, observamos ainda que é notória a presença de elementos transferidos da fala para a escrita, nas produções textuais dos alunos, o que, de certo modo, pode ser explicado pela falta de conhecimento sobre as relações existentes entre essas duas modalidades da língua, ou sobre as características específicas de cada uma. A rapidez com que falamos e apagamos alguns fonemas ou os mudamos, a espontaneidade, característica natural da fala, tudo isso, também pode contribuir para o uso de elementos orais nas produções escritas (abreviações, repetições, uso abundante de elementos de ligação etc.) ou para justificar a grafia, mais próxima da língua oral, de algumas palavras.

Palavras-chave: Variação linguística. Preconceito linguístico. Fala. Escrita. Oralidade.

ABSTRACT

This work intends to analyze the treatment assigned to linguistic variation in classroom context, through observations, questionnaire and investigation of ways of approaching that topic in textbooks. It intends also to verify the presence of speech marks in written text productions of elementary and high school students of two classes, (elementary 6th degree and high school 1st degree), respectively, of the Elementary and Secondary Education State School Journalist José Leal Ramos, placed in São João do Cariri - PB, the research field. For this purpose, this study is supported by (BAGNO, 1999; 2002; 2007; 2008), (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005), (MARCUSCHI, 2001; 2005; 2010), (ANTUNES, 2003; 2005; 2007), among others. Through field research and data analysis it was possible to see gaps in working with linguistic variation in the classroom, and the imposition of an ideal model of language (the standard variety). In this sense, it is important to conduct a study on this phenomenon, in schools, in order to avoid the spread of linguistic discrimination among students and the community in which they live. It is necessary to consider all language usage varieties due to the context of a communication situation, as being equally effective varieties of communication, taking into consideration that the language varies and changes whenever it is necessary. After some analysis, it was also observed that it is evident the presence of speech elements transferred for writing, in the students textual productions, which, in some way can be explained by the lack of knowledge about the relationship between these two language modalities or about the specific characteristics of each one. The speed with which we speak, we delete some phonemes or change them, the spontaneity, natural characteristic of speech, all of this can also contribute to the use of speech elements in written productions (abbreviations, repetitions, abundant use of linkers etc.) or to justify the spelling some words closer to the spoken language.

Keywords: Linguistic variation. Linguistic discrimination. Speech. Writing. Orality.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO, ENSINO DE LÍNGUA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO.....	13
2.1	A sociolinguística: algumas considerações.....	13
2.2	Língua, variação e escola.....	15
2.3	O preconceito linguístico.....	22
3	LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA.....	25
3.1	Características da fala.....	25
3.2	Características da escrita.....	27
3.3	A fala e a escrita: características e especificidades	29
4	O UNIVERSO DA PESQUISA, A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR E ANÁLISE DE MARCAS DA ORALIDADE NAS PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ALUNOS.....	34
4.1	Universo da pesquisa.....	34
4.2	Os livros didáticos: a variação linguística e análise de aspectos do ensino de língua.....	35
4.3	O contexto escolar: vivências em sala de aula.....	38
4.3.1	Descrição das aulas sobre variação linguística.....	39
4.4	Investigação sobre o fenômeno da variação linguística: apresentação dos resultados dos questionários.....	43
4.5	Análise de marcas da oralidade nas produções textuais escritas dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos.....	49
4.5.1	Produções textuais escritas da turma do 6º. ano do Ensino Fundamental.....	49
4.5.2	Produções textuais escritas da turma do 1º. ano do Ensino Médio.....	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
	REFERÊNCIAS.....	60
	APÊNDICE A – FOTOS.....	62
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO.....	65

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar o fenômeno da variação linguística, mais especificamente, observando como se desenvolve o trabalho com essa temática em sala de aula, investigando também a abordagem do assunto nos livros didáticos. Pretende-se, ainda, observar a presença de marcas da oralidade em produções textuais escritas dos alunos, na tentativa de compreender como ocorre a transferência dos elementos da fala para a escrita. Para tanto, apresentaremos algumas características da Sociolinguística, campo de estudo da variação linguística e do preconceito linguístico, além de apresentarmos as relações existentes entre as modalidades falada e escrita da língua, e as características específicas de cada uma. Nesta direção, nos apoiaremos em autores como, (BAGNO, 1999; 2002; 2007; 2008), (BORTONI-RICARDO, 2004; 2005), (MARCUSCHI, 2001; 2005; 2010), (ANTUNES, 2003; 2005; 2007), entre outros.

A pesquisa, desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, localizada no Alto do Cruzeiro, no Município de São João do Cariri-PB, tem como público alvo alunos da turma do 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio. O objetivo principal do trabalho é analisar nas aulas de Língua Portuguesa, nas referidas turmas, como se desenvolve o trabalho com a variação linguística em sala de aula. Para isso, procedemos a observações em sala de aula, a fim de investigarmos como é conduzido o trabalho com o conteúdo sobre variação linguística. Além disso, utilizamos questionários para obtermos informações acerca da compreensão dos alunos sobre a temática, e fazemos um diagnóstico sobre o perfil dos sujeitos da pesquisa, dentre outros elementos. A aplicação dos questionários contribuiu para conhecer o perfil dos alunos de cada turma, sondar sobre os conhecimentos que eles tinham acerca da variação linguística, e as dificuldades apresentadas por eles no decorrer das atividades.

Realizamos ainda análises dos livros didáticos das duas turmas envolvidas na pesquisa para investigarmos aspectos relacionados à abordagem do tema, a atividades propostas, a metodologias utilizadas neste material. Em seguida, coletamos o material para investigação e análise das marcas de oralidade nas produções textuais escritas dos alunos. Os textos foram cedidos pela professora, uma vez que não houve a proposição de atividades direcionadas para esse fim. Preferimos primar pela espontaneidade da escrita de textos propostos pela própria professora regente de turma ao longo das aulas, evitando-se, com isso, uma situação de escrita orientada para uma finalidade, o que poderia resultar em algo artificial. É preciso ressaltar

que, em nenhum momento, os alunos ficaram cientes de que as marcas da oralidade, porventura, deixadas por eles em seus textos seriam investigadas.

O motivo que suscitou o trabalho com esta temática partiu de uma experiência como graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, no CDSA/UFCG, *campus* de Sumé-PB, durante as aulas de algumas disciplinas da área de linguagens e códigos que relacionavam aspectos ligados à Linguística e, principalmente, à Sociolinguística, destacando-se a necessidade de refletir sobre a variação linguística e conhecer um pouco mais a fundo como se dá o trabalho com essa temática nas escolas, no âmbito da sala de aula. A escolha desse espaço, ou seja, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos como campo de pesquisa, está relacionada à minha experiência e atuação como bolsista do PIBID- DIVERSIDADE (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-Diversidade), da UFCG-CDSA, o que possibilitou o acesso a esse universo escolar.

Convém salientar que a língua é o meio através do qual o homem interage com seu semelhante, tanto na forma oral como na forma escrita, constituindo-se um meio de comunicação essencial na vida do ser humano. Sabemos também que a língua é viva, dinâmica, e heterogênea, estando sujeita a mudanças e variações, dependendo das necessidades do usuário ou da situação de comunicação.

Assim, há que se considerar no fenômeno da variação linguística vários aspectos como, por exemplo, fatores geográficos/regionais, econômicos, grau de escolaridade, idade e sexo de cada indivíduo, dentre outros. No processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa estes aspectos devem ser considerados pelo professor. Então, o papel da escola é justamente mostrar as diferentes formas de uso da língua, como cada falante se comporta dependendo do espaço em que está inserido, considerando também as questões sociais, culturais, geográficas, econômicas etc., como um todo.

Tendo em vista a heterogeneidade da língua e a pluralidade de situações de comunicação que propiciam formas diferenciadas de uso da língua, não cabe mais à escola considerar apenas a norma padrão como modelo único e ideal. É direito do aluno conhecer a diversidade linguística que o cerca, e função da escola mostrar essa diversidade e combater o preconceito linguístico.

Para a construção deste trabalho, dividimos a pesquisa em quatro etapas. Na primeira etapa aplicamos um questionário direcionado aos alunos com o propósito de coletarmos informações sobre o tema proposto. Na segunda etapa realizamos observações em sala de aula nas turmas já citadas. Na terceira etapa fizemos uma análise dos livros didáticos de Língua

Portuguesa das referidas turmas. Na quarta etapa analisamos as marcas da oralidade nas produções textuais escritas dos alunos.

Sobre este último aspecto, consideramos que o processo de transferência dos elementos da fala para a escrita ocorre de forma natural, uma vez que, dependendo das situações, e, talvez, inconscientemente, o usuário da língua tende a escrever do mesmo modo que fala, sem perceber o que está ocorrendo. Com isso, se faz necessária a realização de estudos para proceder a uma investigação de como ocorre a transposição dessas marcas da oralidade para a escrita, se ambas são modalidades diferenciadas de uso da língua, cada qual com suas características específicas, embora mantenham entre si certas relações.

Além das etapas elencadas ao longo da pesquisa, os capítulos encontram-se distribuídos da seguinte forma: no primeiro capítulo tratamos da Sociolinguística, variação, ensino de língua e o preconceito linguístico, mostrando o papel da Sociolinguística, no âmbito dos estudos linguísticos, mais especificamente, no que concerne ao fenômeno da variação linguística. No segundo enfocamos a fala e a escrita, as características específicas dessas duas modalidades da língua, e destacamos as relações existentes entre ambas, ressaltando, brevemente, os aspectos envolvidos na aquisição da escrita, dentre outras questões. E, no terceiro capítulo, tratamos sobre a trajetória da pesquisa, caracterizamos os sujeitos traçando um perfil sobre eles, discorremos ainda sobre o tratamento atribuído à variação linguística no contexto escolar, procedendo à análise dos livros didáticos adotados na escola, parceira desse trabalho e, além disso, realizamos análises de marcas da oralidade nas produções escritas dos alunos.

2 SOCIOLINGUÍSTICA, VARIAÇÃO, ENSINO DE LÍNGUA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

2.1 A Sociolinguística: algumas considerações

A Sociolinguística é uma das áreas de estudo da Linguística que busca analisar a língua nos seus contextos de uso da fala, correlacionando aspectos sociais e linguísticos. É bem verdade que a sociedade e a linguagem estão desde sempre inter-relacionadas e a variação é algo intrínseco a ambas, resultante da dinâmica comunicativa que as edificam. Convém ressaltar que apesar da Linguística ter se consolidado como ciência a partir do pensamento de Saussure, no século XIX, tendo como objeto central de estudo os fatos da língua, o falante e os diversos modos como a língua se manifesta não eram considerados. (SAUSSURE, 2006).

É nessa perspectiva da importância dada à fala que surge a Sociolinguística com a preocupação de analisar o fenômeno linguístico em sua abrangência dialetal e variacional, percebendo como a língua funciona em uma situação de fala, e quais os fatores que influenciam para que as mudanças linguísticas aconteçam. Essa corrente investigativa ganha consolidação na década de 60, nos Estados Unidos, num contexto de inclusão do objeto social como fator de relevância para o conhecimento acerca da língua.

Tarallo (2003, p.7) destaca que foi William Labov quem, “mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de sistematizar a variação existente e própria da língua falada”. Além dessa importante figura, merecem destaque, no desenvolvimento dos estudos da Sociolinguística, os trabalhos de Dell Hymes e John Gumperz. (SOUSA, 2005, p. 153).

De fato, a Sociolinguística detém-se a estudar a língua em uso na comunidade de fala, deste modo, considera a língua como algo social, pertencente a todos os sujeitos de uma comunidade, ou seja, uma estrutura viva. Nesse aspecto integra sua natureza heterogênea, na qual se situa as variações linguísticas. Assim, essa área de estudo ocupa-se, em especial, “[...] das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades, conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão somente aos aspectos formais da língua” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.20).

Nesse sentido, a linguagem tem grande relevância na história da sociedade, o que comprova a necessidade de atentar para a influência que o componente social representa para sua formação e evolução. Sobre isso, Calvet (2002, p.12), tece importantes considerações ao assegurar que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de

seus falantes”. Ainda há que se destacar que os principais linguistas que fundamentam as bases dessa concepção teórica, de maneira geral, propõem-se a estudar a variação e a mudança da língua no contexto social da comunidade de fala. Nessa ótica, a língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade (é social). Por conseguinte, a definição de mudança é vista como “um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (WEINREICH, LAVOB e HERZOG, 2006 [1975], p.87 e 139).

Essa concepção de língua apoiada na percepção de um processo intrinsecamente heterogêneo é algo muito significativo, sendo uma das grandes contribuições da Sociolinguística, que possibilita relacionar o social com a própria subjetividade do falante, que é livre para escolher e adequar-se às diversas situações comunicativas de uso da língua. Para (CAMACHO, 1988, p.29), as diversidades, coletivas ou individuais, são formas de identificação dos “membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação”.

Baseados na ideia de língua heterogênea, mutável, plural, e com variações decorrentes de fatores sociais, fundamentaremos nossa análise, a qual objetiva investigar, à luz da Sociolinguística, a prática docente nas aulas de Língua Portuguesa nas seguintes turmas: 6º Ano do Ensino Fundamental e 1º Ano do Ensino Médio. Nesse sentido, são válidas as palavras de Bagno (2007, p.39) ao considerar que a variação linguística “é a espinha dorsal da Sociolinguística”. A concretização de uma perspectiva da língua vista como fenômeno de caráter heterogêneo está intrinsecamente vinculada à questão da variação linguística.

É sabido que a língua sofre mudanças no decorrer do tempo, por isso não deve ser tratada como um fenômeno estável, sem levar em conta os indivíduos vivos que as falam, como afirma Bagno (2008). A língua, dessa maneira, se renova incessantemente, por isso é unânime a compreensão de que a língua não é uniforme, mas variável, dinâmica e múltipla.

Afirmar que a língua apresenta variação implica na confirmação de que ela é heterogênea devido aos aspectos sociais, culturais, econômicos, geográficos que a configuram. Os principais objetivos da Teoria da Variação são estabelecidos a partir da ideia de heterogeneidade constitutiva e de inter-relação de língua e sociedade (LAVOB, 1975).

Para compreender as causas da variação linguística, segundo os estudos dessa corrente teórica, é preciso saber onde, dentro da composição social, originou-se a variação e como este fenômeno se estendeu aos demais grupos sociais, destacando também quais foram os grupos de falantes que se revelaram mais resistentes à variação linguística. Os variacionistas afirmam que a variação não pode ser percebida como um efeito ao acaso; ela deve ser analisada como um efeito

cultural, que é influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos (WEINREICH, LAVOB E HERZOG, 2006 [1975])).

Segundo Bagno (2007) é um paradoxo pensar que as línguas são estáveis e homogêneas, uma vez que estas são faladas por indivíduos que vivem em sociedades e, conseqüentemente, heterogêneas, diversificadas, instáveis, sujeitas a conflitos e a transformações, independentemente da época ou lugar. Partindo desse pressuposto da heterogeneidade, a Sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades, o que implica que esta não pode ser estudada sem levar em conta as variáveis que propiciam os diferentes usos.

É preciso considerar além dos fatores linguísticos os extralinguísticos para entendermos o porquê das escolhas produzidas. Não nos deteremos nos fatores linguísticos em todos os níveis fonético-fonológico, sintático, semântico, morfológico, lexical, estilístico-pragmático, apenas destacamos que uma das formas de variação mais conhecida pelos alunos se insere no nível fonético-fonológico, estando diretamente ligada também à variação regional – o sotaque. No que concerne aos fatores extralinguísticos como, o grau de escolaridade, a faixa etária, a classe social, o sexo, a região, dentre outros, observamos que estes incidem na maneira de falar do usuário gerando variações na língua, ou seja, diferentes modos de se falar uma mesma ideia, ou assunto/fato etc. Ainda conforme Bagno (2007), todo sujeito varia sua maneira de falar, controla seu comportamento verbal, independente de seu nível, classe social, faixa etária etc., comportamento este que é assimilado no convívio social mediante as diferentes interações.

Convém ressaltar, portanto, que todos esses fatores linguísticos e extralinguísticos contribuem para tornar o estudo da variação linguística bastante complexo.

2.2 Língua, variação e escola

Sabemos que uma das principais funções da língua é a comunicação. Além disso, a língua tem funções variadas como informar, convencer, persuadir, interpelar, instruir etc., ou seja, apresenta diferentes aspectos como, por exemplo, quando uma pessoa manda que alguém “cale a boca”, isso não é apenas a função de passar uma informação, mas uma forma de exprimir uma ordem, pedido ou comunicar variadamente. Por meio da língua é possível ofender, mentir ou falar a verdade, agradar ou desagradar um sujeito. Assim, conforme Cagliari (2009):

A convencionalidade da linguagem não reage só as relações entre os signos linguísticos e o mundo, mas está presa também a valores sociais, econômicos, ideológicos, políticos, religiosos. Dependendo de contextos desse tipo, o próprio sentido literal das palavras muda (p.70).

Com isso, temos a noção de como ocorre a variação da língua, isto é, a língua não é um elemento estável da comunicação humana, ela varia em detrimento de diferentes fatores ligados à situação de comunicação, e à sociedade na qual o falante está inserido. Seja no aspecto cultural de uma comunidade, seja na religião, a língua corresponde ao que aquele indivíduo está vivendo em um determinado momento da sua vida.

Pensando dessa forma, lembramos o espaço escolar como um espaço de discussões sobre o fenômeno da variação linguística. Com o passar do tempo, algumas palavras vão desaparecendo e vão surgindo palavras novas exatamente pelo processo da variação e/ou mudança linguística, e assim as que foram deixadas para trás não perdem o seu sentido nem o seu valor semântico, as novas palavras vêm criando novos espaços, mas isso não quer dizer que as palavras “velhas” não sirvam, ao contrário, vão criando novos valores sociolinguísticos ligados às novas perspectivas da sociedade. Assim, conforme Bortoni-Ricardo (2004):

“É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas” (p. 74).

Então percebemos que não se pode interferir no modo de uso da língua em detrimento de um contexto específico, tampouco julgar a forma como uma pessoa se comunica. O papel da escola é respeitar os diferentes modos de uso da língua e mostrar para os alunos que a sociedade atribui valores sociais e culturais aos diferentes modos de falar. Para o aluno, entender a forma como ele fala é um modo de respeito e compreensão do seu mundo. O aluno precisa compreender, a partir do espaço escolar quando vivencia a aprendizagem sobre a língua culta, que sua forma de falar é um aspecto particular de comunicação dentro da sociedade. A escola tem o papel de repassar essa compreensão para os alunos, mas também tem que deixar claro que existem as mais variadas formas de usos da língua em diferentes espaços sociais. Por exemplo, um sujeito deve se comportar linguisticamente de forma diferente em um escritório, empresa, ambiente de trabalho, em casa com a família, ou entre amigos, no bar, na igreja, em uma palestra, entrevista de emprego etc, sabendo adequar o uso da língua em detrimento de cada situação de comunicação. Cabe então à escola o papel de deixar claro que a língua varia dependendo do contexto em que se encontra o falante.

Segundo Cagliari (2009):

Certo e errado são conceitos pouco honestos que a sociedade usa para marcar os indivíduos e classes sociais pelos modos de falar e para revelar em que considerações os têm, se são pessoas que gozam de influência ou ocupam posições de prestígio ou não, se exercem o poder instituído ou não, etc. (p.71).

Sabemos que a fala se interliga com outro aspecto da língua que é a escrita. Ainda para o autor:

A escrita é algo com que nós, adultos estamos tão envolvidos que nem nos damos conta de como vive alguém que não lê e não escreve, de como a criança encara essas atividades, de como de fato funciona esse mundo caótico e complexo, que nos parece tão familiar e de uso fácil (CAGLIARI, 2009, p.82).

Lembrando ainda do espaço escolar, o autor nos afirma que as crianças encaram a atividade de escrever de forma muito difícil, pois é um aspecto nunca antes vivenciado por elas. Desse modo, a escola tem o dever de ensinar como se dá o processo de aquisição da escrita, pois sabemos que um dos maiores objetivos da escola é o processo de alfabetização que tem como propósito, nos anos iniciais, a preocupação em ensinar a ler e escrever.

No trabalho com a variação linguística, a escola deve ter o cuidado de perceber como se dá o processo de aquisição da escrita, tendo o cuidado de mostrar que a escrita não é uma mera transcrição da fala, ou seja, a fala e a escrita são formas diferenciadas de uso da língua. Há elementos linguísticos que só aparecem na fala, enquanto outros são mais recorrentes na escrita, há especificidades próprias da fala e da escrita, embora ambas estejam relacionadas. Além disso, há variações nas formas de uso dessas modalidades alcançando um grau mais formal ou informal, dependendo da situação de comunicação. Pensando dessa maneira nós percebemos que o ensino da variação é de suma importância na construção intelectual do aluno, conforme atestam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (BRASIL, 1998, p. 82)

Com isso, é possível estudar a língua de forma mais democrática, aceitando a variação que cada um traz em sua bagagem do cotidiano. E, a partir desse momento, começar a inserir a norma padrão no repertório de cada aluno. Assim, não se pode deixar que ocorra dentro de uma escola da cidade de São Paulo, por exemplo, o preconceito dos demais colegas com um aluno oriundo de outra região do Brasil e vice-versa. Obviamente, sua forma de falar será

diferente das demais, mas, o papel da escola é justamente mostrar um ensino que democratize a língua, uma vez que existem as variações linguísticas.

Nessa perspectiva, Geraldi (1996) afirma que:

Um aluno falante de variedade não padrão, numa escola que possibilite interlocuções com outras variedades (inclusive a padrão, mas não só ela, já que numa mesma sala de aula convivem diferentes variedades, por menores que sejam as diferenças que as identifiquem), não se apropria do dialeto de prestígio, mas, ao contrário, enquanto locutor e interlocutor, por seu trabalho linguístico, participa da construção deste dialeto (p.60).

Dessa forma, dentro do contexto escolar, é preciso que se compreenda que a variação linguística está relacionada a fatores regionais, sociais, econômicos etc. e a escola tem o papel de contribuir nessa interlocução sobre a variação linguística. A sala de aula, como qualquer outro espaço social, também se apropria da variação, mesmo sendo na fala do(a) professor(a), pois é um espaço em que existe um domínio social. Será então possível perceber diferenças no uso da língua, no espaço escolar, entre discentes e docentes. Tendo em vista os aspectos ligados ao contexto social do indivíduo, em relação aos papéis dos participantes, Fávero (2007), salienta que: “como participantes de situações sociais, somos requisitados a nos comportarmos de um modo particular numa determinada situação e de modo diferente em outra” (p.17).

Com essa afirmação, a autora deixa claro que cada indivíduo se comporta conforme o lugar social onde se encontra e, isso, se aplica também ao uso que fazemos da língua.

Considerando que a pesquisa será realizada em uma escola do campo, e que a valorização das diferentes variedades da língua implica a valorização das diferentes identidades sociais, devemos salientar que a oralidade enquanto prática social é uma forma de comunicação dos sujeitos e se torna um elemento indispensável tanto nos momentos formais ou informais da vida cotidiana. Sendo assim, Marcuschi (2010) afirma que:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora: ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos do uso (p.25).

Continuando com essa mesma linha teórica, a variação linguística ocorre em detrimento de vários aspectos envolvidos na vida social de um sujeito ou do contexto em que ele está inserido, com isso, um falante projetado, na sua vida em sociedade, aspectos ligados a questões socioeconômicas, culturais e também históricas. A oralidade, dessa forma, se torna um

elemento importante para o estudo sobre a variação linguística tendo em vista que revela determinados aspectos da vida do falante.

Quando abordamos a variação linguística temos que ter em mente que a língua é heterogênea, dinâmica, múltipla e instável, e que há formas diferenciadas de uso da língua. Entretanto, há incompreensões a esse respeito, conforme nos mostra Bagno (2007):

O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (p.37).

Por meio da afirmação do autor pode-se perceber que a língua não é estática, mas sim um processo que sofre modificações constantes dependendo de diversos fatores ligados ao falante e ao contexto de uso da língua. Considerar como “correto” apenas um único modelo de língua é empobrecer o idioma que se manifesta variadamente nas diversas regiões que compõem o país, é também desconhecer o fenômeno da variação linguística ignorando a heterogeneidade linguística e social, além de demonstrar preconceito em relação à própria língua, desvalorizando os seus usuários.

Tratando-se da heterogeneidade linguística e social, trazemos dois polos citados por Bagno (2007) que abordam o seguinte:

Assim o que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes polos: (1) a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial da língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes. (p.39)

Nesta direção podemos perceber que a variação linguística é todo um processo de transformação da língua empreendido pelos falantes, ao passo que a norma-padrão é um modelo criado para neutralizar, ou seja, normatizar a língua, tornando-se para sociedade um uso ideal a ser adotado pelos falantes.

No fenômeno da variação linguística é preciso considerar alguns fatores como:

ORIGEM GEOGRÁFICA: a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

STATUS SOCIOECONÔMICO: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO: o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

IDADE: os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

SEXO: homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

MERCADO DE TRABALHO: o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este o mesmo de um cortador de cana;

REDES SOCIAIS: cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico (BAGNO, 2007, p.43-44).

Sintetizando as informações acerca dos fatores que incidem sobre as diferenças no uso da língua, grosso modo, teríamos: origem geográfica: a língua varia dependendo das diferentes regiões em que os falantes se encontrem; status econômico: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo falam diferente das pessoas que têm uma renda mais elevada; grau de escolaridade: pessoas que não tiveram acesso à educação formal demonstram diferenças em seu repertório linguístico em relação às que tiveram acesso integral a essa formação; Idade: os adolescentes têm sua forma de falar diferente dos seus pais ou seus avós; sexo: as mulheres têm formas diferentes de falar em relação aos homens; mercado de trabalho: as pessoas que têm profissões de um nível mais elevado como, por exemplo, um advogado tem sua fala diferenciada de um agricultor que trabalha no campo; redes sociais: algumas pessoas trazem para suas expressões do dia a dia marcas que são utilizadas nesse meio.

Estes fatores, dentre outros, precisam ser considerados a fim de se entender como ocorre o processo da variação linguística na sociedade, sempre condicionado por um ou mais fatores ligados à região, à faixa etária, ao gênero, ao grau de escolaridade etc., influenciando a maneira de falar de cada sujeito. Além disso, há diferentes modos de uso da língua dependendo também do contexto em que se encontra o usuário da língua.

Considerando os aspectos da variação linguística, os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se

constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p. 29)

Por meio desse fragmento extraído dos PCN's percebemos que a variação linguística sempre existiu, sendo um fenômeno intrínseco as línguas humanas, e isso se reflete não só nos sotaques diferenciados em cada região, mas também no campo da morfologia, da sintaxe, dentre outros aspectos evidenciados no uso da língua.

É preciso alertar as pessoas para a questão dos dialetos e registros que toda língua possui, já que a língua não é homogênea. Para explicar esses aspectos, Travaglia (2000), divide as variedades linguísticas em dois tipos:

Basicamente podemos ter dois tipos de variedades linguísticas: os **dialetos** e os **registros** (estes também chamados de **estilos**, por muitos estudiosos). Os **dialetos** são as variedades que ocorrem em função das pessoas que usam a língua, ou como preferem alguns, para empregar uma terminologia derivada da teoria da comunicação, dos emissores. Já os **registros** são as variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, ou como preferem alguns, dependem do receptor, da mensagem ou da situação (p. 42).

Essas formas mostradas pelo autor são formas que devem ser empregadas em algumas situações de uso da língua. Podemos estabelecer uma comparação com situações comuns do nosso dia a dia como, por exemplo, que tipo de roupa devemos usar em determinada ocasião formal ou informal. O mesmo ocorre com a forma de se expressar na língua, dependendo de cada situação que o falante se encontre.

É importante levar em consideração o momento, a situação em que cada sujeito está inserido dentro da sociedade, pois dependendo de cada situação é que o falante irá se comportar de forma diferenciada, demonstrando assim o seu modo particular de falar. Um dos papéis da escola é justamente considerar os usos diferenciados da língua, respeitando o modo de falar de cada aluno, e, para isso, ela necessita conhecer as variedades linguísticas, sob a pena de permitir formas de preconceito linguístico na sala de aula que precisam ser combatidas como qualquer outra forma de preconceito, seja de origem racial, de crença, cor, religião etc. No próximo subcapítulo nos deteremos um pouco mais sobre esse assunto.

2.3 O preconceito linguístico

É comum notarmos que os usuários de uma língua se apropriam primeiramente das variantes informais, advindas do contexto familiar, para depois, num processo mais sistemático apropriar-se de variantes mais formais (pautadas nos usos da norma-padrão), aproximando-os, assim, da variedade culta da língua.

Os fundamentos da Sociolinguística postulam que as variedades prestigiadas são aquelas usadas pelas classes privilegiadas da sociedade, em contraposição às variedades estigmatizadas que são usadas com frequência por falantes com pouca ou nenhuma instrução formal. Dessa maneira, os sujeitos falantes que fazem uso da chamada “norma popular” (variedade estigmatizada), distanciando-se da norma culta (variedade prestigiada), são, de forma pública ou oculta, vítimas do preconceito linguístico.

Todavia essa atitude de preconceito em relação às variações linguísticas trata-se de um grande equívoco humano, pois, concordando com Antunes (2007), se existem diferentes situações sociais, deve haver padrões diferenciados de uso da língua. A variação surge então como algo inevitável e natural. Para a autora, “existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concreto, com funções definidas” (ANTUNES, 2007, p. 104).

Nosso país, por exemplo, possui uma expressiva e ampla variedade linguística, em virtude das peculiaridades de cada região, das diferenças sociais etc. Cabe salientar que nem todos têm acesso à cultura que é destinada mais às classes favorecidas, e, apesar de a escola trabalhar a linguagem formal no contexto de sala de aula, ela não segue uma metodologia apropriada, uma vez que não leva em conta a realidade social do grupo, apresentando a norma padrão como legítima, e desconsiderando quaisquer referenciais linguísticos trazidos pelos educandos.

As ideias de Bagno (2007) sobre o assunto são oportunas:

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os quase 190 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. [...] (p.27).

Por essa razão a escola tende a distanciar mais ainda a possibilidade de muitos falantes se inserirem na sociedade linguística em que vivem. Desse modo, a escola não considera a educação informal, a língua materna aprendida no meio familiar, contribuindo negativamente para a propagação de mitos, tais como: português é muito difícil; as pessoas sem nível de escolaridade não sabem falar; para saber escrever e falar é necessário dominar as

regras da gramática. Enfim, acabam perpetuando ideias falsas ou superstições linguísticas acerca da língua.

Segundo Bagno (1999), fica evidente por meio de certas afirmações o imaginário negativo que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada em nosso país. Para o autor, algumas dessas afirmações resultam em mitos que devem ser desconstruídos. O renomado linguista apresenta 8 (oito) mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico. Vejamos:

Mito nº 1 – A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.

Mito nº 2 – Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem o português.

Mito nº 3 – Português é muito difícil.

Mito nº 4 – As pessoas sem instrução falam tudo errado.

Mito nº 5 – O lugar onde melhor se fala o português no Brasil é no Maranhão.

Mito nº 6 – O certo é falar assim porque se escreve assim.

Mito nº 7 – É preciso saber gramática para falar e escrever bem.

Mito nº 8 – O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

É necessário que haja por parte de nós, estudiosos da área, professores, pesquisadores etc. uma tentativa de desconstrução desses mitos. É preciso considerar que cada indivíduo tem a sua forma particular de falar, que será influenciada por diversos fatores sociais e linguísticos e que a língua é heterogênea tanto quanto seus usuários. Insistir em um modelo ideal e único de língua significa conceber a língua como um objeto estático e homogêneo, desprezando a diversidade linguística existente na sociedade. Precisamos combater quaisquer formas de preconceitos, inclusive o linguístico, desfazer equívocos e superstições, como os citados acima, acerca do uso que fazemos da língua. A crença nesses mitos traz enormes prejuízos para o ensino de língua materna.

Constatamos ainda que um segmento da sociedade reforça constantemente essas superstições acerca da língua, por meio de vários elementos que colaboram para um mecanismo a que Bagno (1999) define como *círculo vicioso de preconceito linguístico*, a saber: *a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos*. Acrescenta-se também outro elemento a que este denomina de *comandos paragramaticais* – composto, segundo ele, “por todo arsenal de livros, manuais de redação de empresas

jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-ROMS, ‘consultórios gramaticais’ por telefone e por aí afora...” (BAGNO, 1999, p.76-77).

Convém ressaltar que existe uma diferença entre língua e gramática. Tal diferença, no entanto, não é considerada por muitas pessoas que, ao conceber as regras impostas pela gramática como único modelo correto de falar/escrever, favorecem a prática do preconceito linguístico. A partir dos postulados da Sociolinguística, compreendemos que onde houver variação linguística, haverá sempre uma avaliação social. Entretanto, esse fenômeno muito recorrente na nossa cultura linguística representa simplesmente “diferença” no uso da língua e não inferioridade ou “erro”.

No que se refere à questão de ensino da língua, notamos que, em nosso país, as instituições oficiais que planejam a educação têm avançado e já avaliam como legítima essa diversidade que compõe o nosso repertório linguístico. É o que evidencia os PCNs (BRASIL, 1998), quando propõem:

A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. [...] A discriminação de algumas variedades linguísticas, tratadas de modo preconceituoso e anticientífico, expressa os próprios conflitos existentes no interior da sociedade. Por isso mesmo, o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia. É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana (p. 81-82).

Nesse caso, é necessário que essa compreensão se estenda por toda a sociedade. Uma prática de ensino de língua que esteja pautada nessa perspectiva social da linguagem, certamente, possibilitará que os falantes de Língua Portuguesa sintam prazer com o estudo acerca da língua materna. Afinal, a língua não pode ser reduzida a meros conceitos de “certo” ou “errado” já que é dinâmica, múltipla e heterogênea.

A fim de procedermos às análises das produções textuais dos alunos envolvidos na pesquisa, verificando a transferência de marcas da oralidade para a modalidade escrita da língua, estabeleceremos considerações no próximo capítulo sobre as relações existentes entre a fala e a escrita.

3 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

3.1 Características da Fala

A fala é uma das modalidades da língua e pode ser diversificada dependendo de cada indivíduo e a forma como cada um se expressa. A fala é o instrumento pelo qual as pessoas expressam seus sentimentos, que variam em determinados momentos da vida como, por exemplo, no momento de desespero, alegria, aflição, dentre outros. Sabendo disto, temos que levar em consideração a maneira de falar de cada sujeito, pois ao chegar à escola ele já sabe falar e domina de certa maneira a gramática da língua.

Nesta perspectiva, Fávero (2007) afirma:

Parece consenso que a língua falada deve ocupar um lugar de destaque no ensino de língua. A motivação para que essa modalidade seja trabalhada com tal relevo se dá, de um lado, porque o aluno já sabe falar quando chega à escola e domina, em sua essência, a gramática da língua. (p.10)

Segundo Fávero (2007), a fala surge quando as crianças começam a falar no ambiente familiar, antes mesmo de terem o primeiro contato com a escola, ou seja, a fala antecede a escrita. É importante salientar, no entanto, que a fala poderá ser reestruturada após o contato da criança com a escrita, o que significa que a criança conhecerá os níveis de formalidade da língua oral e escrita, bem como as possibilidades de uso em detrimento de uma situação de comunicação.

Dessa forma, a fala é um elemento que a criança já traz como carga do seu cotidiano, e assim o apresenta pela primeira vez em contato com a escola, sendo este espaço responsável por outras aprendizagens, e, uma delas, é a aquisição da modalidade escrita como parte do desenvolvimento cognitivo humano. Convém então destacar que a escola não ensina ninguém a falar a sua própria língua materna, mas sim usos e possibilidades de variação desses usos em situações específicas de comunicação.

Kato (2009) aborda conceitos da fala e da escrita da seguinte forma:

A fala¹ é a fala pré-letramento; a escrita¹ é aquela que pretende representar a fala da forma mais natural possível; a escrita² é a escrita que se torna quase autônoma da fala, através de convenções rígidas; a fala² é aquela que resulta do letramento. (p.11-12)

A autora caracteriza a fala em dois momentos: um que antecede o letramento e o outro em que a fala é produto deste. O mesmo em relação à escrita, ou seja, a autora considera que reproduzimos a escrita, a princípio, a partir da nossa fala, e, posteriormente, estruturamos a nossa escrita de uma forma já mais distante da fala, quase autônoma. Sendo assim sabemos

que começamos a reproduzir a nossa fala em casa, com nossa família, onde começamos a dizer as primeiras palavras, muitas vezes com alterações fonéticas e fonológicas, o que provoca, de certa forma, algumas incompreensões, mas não impede o processo de comunicação no ambiente familiar. A fala é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento da criança, pois, será o veículo de comunicação utilizado durante toda sua vida.

A escola é uma instituição social que contribui para o desenvolvimento do processo cognitivo de uma criança, já que é nesse espaço social onde a criança estabelecerá o primeiro contato com a modalidade escrita formal da língua, ou seja, a língua culta, com as variedades linguísticas e com a leitura. Além de conhecer também a língua oral em seu grau de formalidade culto. Pode-se dizer, com isso, que a escola é um importante veículo de transição para que o aluno compreenda as diversas variedades do uso da fala. Sobre essa questão, Fávero (2007) afirma que:

Quanto à escola, não se trata obviamente de “ensinar a fala”, mas de mostrar aos alunos a grande variedade de usos da fala, dando-lhes a consciência de que a língua não é homogênea, monolítica, trabalhando com eles os diferentes níveis (do mais coloquial ao mais formal) das duas modalidades – escrita e falada -, isto é, procurando torná-los “políglotas dentro de sua própria língua”. (p. 12)

Nessa direção, podemos perceber que, ao chegar à escola, o sujeito já traz consigo uma carga de saberes quanto à modalidade da fala e que não se deve taxar como correta ou errada a maneira como cada criança se expressa ao falar, pois a língua materna foi adquirida no convívio familiar, cabendo à escola não apenas concentrar-se no ensino da língua escrita, mas na aquisição da língua falada formal, respeitando a língua materna de cada sujeito.

A escola, nesse caso, tem o papel de ensinar a modalidade oral da língua apresentando as possibilidades de variações em sua estrutura entre os diferentes falantes, no âmbito das situações de comunicação, mostrando os diferentes níveis da fala e que esta modalidade pode sofrer variações devido a aspectos como, a região do falante, o sexo, a faixa etária, os níveis socioeconômico e cultural e também o grau de escolaridade. É preciso compreender que, na nossa sociedade, existem diferentes tipos de falantes e que eles devem ser respeitados no ambiente escolar, e não devem sofrer nenhuma forma de preconceito linguístico em relação ao uso que fazem da modalidade oral da língua.

3.2 Características da Escrita

A escrita formal é uma modalidade da língua à qual a criança só terá acesso, na maioria das vezes, no universo escolar, entretanto, nunca é demais lembrar que ela já traz consigo o domínio da modalidade oral, e, com isso, no início do processo da escrita, ela tenderá a transferir elementos da fala para a escrita. Isso ocorre no primeiro contato com a sala de aula, ou seja, na escola. Sendo assim, Cagliari (2008) faz a seguinte observação a respeito do contato que a criança tem com a escrita, na escola:

Mas, com relação à escrita, o que vemos é a imposição de um modelo, sem qualquer possibilidade, especial ou temporal, para a experimentação, tentativas e descobertas de cada criança, que se limitam, como tarefa a fazer cópias de vários traçados, num verdadeiro exercício de treinamento manual. (p.100)

Como se pode observar por meio da afirmação do autor, no início da aprendizagem, as crianças são obrigadas a reproduzir modelos de atividades que terminam por tornar a aprendizagem da escrita algo mecânico. Sabe-se que a criança reproduz através de traços qualquer elemento que esteja a sua volta, seja a representação dos pais, ou objetos que a cercam e assim identificam como tais através dos seus rabiscos. Com isso, é importante que o (a) professor (a) consiga identificar essa característica da criança ao reproduzir coisas que tenham bastante significado para ela. Com essa identificação o professor deve levar em consideração que existem as fases do processo de aquisição da escrita, e é de suma importância que um professor, que esteja trabalhando com o processo de alfabetização, compreenda o que vem a ser cada fase dessa aquisição. Entretanto, neste trabalho, não pretendemos descrever todas as etapas envolvidas no processo da escrita, mas, apenas, estabelecer relações e diferenças entre as modalidades falada e escrita da língua.

Um dos objetivos mais importantes da alfabetização é ensinar a escrever, por isso a escrita é uma atividade que requer um tratamento especial. Nas escolas é bem perceptível que o que se espera é que a criança saia de lá escrevendo perfeitamente, mas o papel da escola não é esse, e sim, o de que a criança saia sabendo escrever, seja na forma gráfica correta ou não. A esse respeito, Cagliari (2008) ressalta que:

Preocupada demais com a ortografia, a escola por vezes esquece que o principal, num primeiro momento, é que as crianças transportem suas habilidades de falantes para os textos escritos. Aos poucos se cuidará da ortografia, mas isso deve ser feito de uma forma que não amedronte quem ainda não sabe escrever. (p.100)

A escola é, dessa forma, o elemento mais importante para a construção e aquisição da escrita na vida de um indivíduo. E, conforme a criança vai sendo instruída, ela começa a aprimorar seus traços e rabiscos e começa a desenvolver as letras, sem necessariamente conhecer as regras da gramática. Dentro desse mesmo contexto, Cagliari (2008) afirma que:

Para começar a escrever, as crianças não precisam estudar a Gramática, pois já dominam a língua portuguesa na sua modalidade oral. A dificuldade está simplesmente no fato de as crianças não conhecerem a forma ortográfica das palavras após seus primeiros contatos com o alfabeto. (p.122)

Primeiramente não se deve ter a preocupação de ensinar as regras gramaticais, pois de início não é necessário no processo de alfabetização da criança o estudo da gramática. Nos primeiros momentos do processo de alfabetização e letramento as crianças reproduzem apenas rabiscos, desenhos, que relacionam a letras e, em seguida, a palavras. Essa etapa é muito significativa no processo de aquisição da escrita. O professor tem que estar preparado para acompanhar o desenvolvimento tanto cognitivo como motor da criança durante esse processo.

Antunes (2005) destaca vários aspectos que caracterizam a atividade de escrever:

- “Escrever, na perspectiva da interação, só pode ser uma *atividade cooperativa*.” (p.29)
- “Escrever, a outros e de forma interativa, é, pois, uma *atividade contextualizada*.” (p.29)
- “Escrever é uma *atividade tematicamente orientada*.” (p.32)
- “Escrever é uma *atividade intencionalmente definida*.” (p.33)
- “Escrever é uma *atividade que se manifesta em gêneros particulares de textos*.” (p.34)

A partir das características mostradas pela autora entende-se que para escrever é necessário saber para quem se escreve e como se escreve, saber também qual o tipo de leitor a que cada escrita irá corresponder, e o principal, saber que não existe um só tipo de regra para escrever, mas saber que ela se modifica dependendo dos diferentes contextos.

Nessa perspectiva é necessário lembrar-se de alguns elementos como a coesão e a coerência que são necessários para a construção da escrita e saber que o leitor necessita de tais elementos para uma boa interpretação do texto, e o escritor deve lembrar que tem que planejar o que vai escrever e para quem vai escrever. Dessa forma, considerando os diferentes contextos e leitores Antunes, (2003) destaca que:

A visão interacionista da escrita supõe ainda que existe o outro, o tu, com quem dividimos o momento da escrita. Embora o sujeito com quem interagimos pela escrita não esteja presente à circunstância da produção do texto, é inegável que tal

sujeito existe [...]. Quem escreve, na verdade escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. (p. 46)

Convém ressaltar que existem diferentes funções para a escrita, e, em razão disso, ela pode variar. Essas variações dependem dos contextos em que cada escritor ou leitor esteja inserido e também do gênero textual, podendo ser bilhetes, cartas, receitas, bulas, textos formais e informais, dentre outros gêneros. Assim: “[...] a produção de textos escritos toma formas diferentes, conforme as diferentes funções que pretende cumprir.” (Antunes, 2003, p. 49). Os textos podem, então, variar em diversos gêneros e contextos, existindo uma estrutura específica para cada um.

3.3 A Fala e a escrita: características e especificidades

Para começar a abordar as relações e diferenças entre a fala e a escrita é preciso deixar bem claro que essas modalidades de uso da língua fazem parte do mesmo sistema linguístico e de alguma forma elas têm relações entre si e não podem nem devem ser tratadas separadamente.

De acordo com Marcuschi (2001, p.17):

“Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia”, ou seja, ambas são atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais.

Assim, é possível afirmar que a língua falada e a língua escrita apresentam características semelhantes, sendo atividades linguísticas complementares. Neste sentido, Antunes (2005) mostra que:

A escrita também guarda dependências em relação à própria fala. Falando, ouvindo, lendo ou escrevendo, os sujeitos realizam uma atividade de interação verbal. Com muitos pontos em comum e algumas diferenças também, salvando-se naturalmente a idéia de que cada uma dessas atividades supõe a participação efetiva dos sujeitos envolvidos. (p.36)

Conforme Marcuschi (2001) *Apud* Elias (2011):

“a fala e a escrita apresentam os mesmos traços: dialogicidade, usos estratégicos, funções interacionais, envolvimento, negociação, situacionalidade, coerência e dinamicidade”. (p.13)

É preciso levar em consideração que, historicamente, a língua escrita sempre ocupou o papel principal no ensino de Língua Portuguesa, considerada a verdadeira forma de linguagem. A fala, por sua vez, esteve em segundo plano e, quando muito, foi ensinada com base na escrita, não se vendo nela objeto de estudo para que fosse considerada relevante. A fala é um elemento que é adquirido naturalmente no nosso dia a dia em relações sociais e dialógicas, já a escrita pode ser usada em contextos diferenciados/diversos, mas que ocorre em paralelo com a oralidade em diferentes contextos como: trabalho, escola, família, vida burocrática, atividade intelectual, dentre outros.

Nesta direção, Antunes (2005) afirma que:

Escrever é, como falar, uma *atividade de interação*, de intercâmbio verbal. Por isso é que não tem sentido escrever quando não está procurando *agir com outro*, trocar com alguém alguma informação, alguma idéia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto. Não tem sentido o vazio de uma escrita sem destinatário, sem alguém do outro lado da linha, sem uma interação particular (p.28).

Tanto a fala como a escrita só acontecem se existir um interlocutor que dialoga, pois só existe diálogo se houver duas ou mais pessoas envolvidas em uma conversa e com isso há interação, troca, respostas e perguntas de ambos os lados. Ainda na modalidade escrita, é necessário que haja o leitor ou leitores e, para isso, o escritor ao escrever necessita levar em consideração o seu público, adequando sua linguagem, mantendo a coerência e a coesão ao longo do texto, dentre outros aspectos envolvidos no processo de escrita.

Convém observar as considerações de Marcuschi (2005) sobre a fala e a escrita:

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. O letramento envolve as mais variadas práticas da escrita, nas suas diversas formas, e pode ir desde uma mínima apropriação da escrita até uma mais profunda apropriação. A fala é a forma de produção textual-discursiva na modalidade oral sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. A escrita, por sua vez, é o modo de produção textual-discursiva com certas especificações materiais e caracteriza-se por sua constituição gráfica. (p.25-26)

O autor destaca as especificidades da oralidade, concebendo a fala como uma produção textual-discursiva oral desvinculada de mecanismos tecnológicos, enquanto a escrita, por sua constituição gráfica, apresenta especificações materiais.

Considerando a fala e a escrita como atividades textuais, Antunes (2005) mostra que:

Tal como falar, escrever é *uma atividade necessariamente textual*. Ninguém fala ou escreve por meio de palavras ou de frases justapostas aleatoriamente, desconectadas,

soltas sem unidade. O que vale dizer: só nos comunicamos através de textos. Sejam eles orais ou escritos. Sejam eles grandes, médios ou pequenos. Tenham muitas, poucas ou uma palavra apenas. Assim, a competência comunicativa, aquela que nos distingue como seres verbalmente atuantes, inclui necessariamente a competência para formular e entender textos orais e escritos. (p.30)

Por meio da afirmação da autora fica claro que tanto a fala como a escrita necessariamente utilizam-se de coesão e coerência para sua construção e que no processo de comunicação utilizamos textos orais e escritos, em situações formais ou informais de uso da língua.

É importante destacar as diferenças apresentadas por Kato (2009) entre a fala e a escrita:

[...] na fala têm-se uma situação cara a cara, com “reação” imediata por parte do ouvinte; já a escrita é um ato solitário em que o escritor tem ainda que se preocupar com o seu virtual leitor. Há ainda o problema do intervalo temporal: na escrita, diz-se algo agora para ser entendido muito depois; na fala vai-se planejando à medida que se fala (p.26).

As diferenças ligadas à situação de uso, ao contexto ou suporte são bastante perceptíveis entre a modalidade falada e a modalidade escrita da língua. Na fala, por exemplo, a reação é imediata já que duas pessoas se encontram frente a frente, estão presentes o falante e o ouvinte em um diálogo, enquanto a escrita é algo que pode ser produzido agora para servir de interação mais adiante, como no caso de um livro, de um artigo, ou de um bilhete etc. Entretanto, se formos pensar em uma interação virtual ocorrida no ambiente digital, a resposta ou reação em relação ao que foi escrito será também imediata, pois a linguagem da Internet nos impulsiona a escrever e pensar de forma mais rápida, o que acaba resultando em abreviações de palavras, uso de símbolos, sinais, para que o diálogo se torne ainda mais rápido.

Convém ressaltar que não se deve considerar a escrita como um ato solitário, já que o leitor está inscrito direta ou indiretamente no texto a ele destinado. Ao escrevermos temos uma finalidade, um propósito dirigido a alguém, portanto, não estamos sozinhos no ato da escrita.

Tratando-se das diferenças e semelhanças entre as duas modalidades da língua, é importante destacar que a fala enquanto manifestação da prática oral é adquirida nas relações sociais em diversas situações do cotidiano de uma criança. Por outro lado, a escrita enquanto manifestação formal do letramento é adquirida, em geral, na escola.

Sabemos que, ao ingressar na escola, o aluno já traz uma prática de linguagem, conforme suas experiências comunicativas. Porém, a escola tenta substituir a língua materna do aluno pela língua-padrão, ao mesmo tempo em que discrimina e desvaloriza a língua que o

identifica com sua comunidade. A língua-padrão é usada na literatura, nos meios de comunicação, explicada nas gramáticas e ensinada nas escolas como ideal a ser seguido.

Conforme Cagliari (1996, p. 46), “teoricamente não existe o certo e o errado, mas o diferente”. Na prática isso não ocorre de fato, pois a sociedade se apega a atos linguísticos e estigmatiza as variações de menor prestígio.

Nesse mesma direção, Bagno (2002, p.107) ressalta que:

[...]o ensino tradicional, em vez de incentivar o uso das habilidades linguísticas do aluno, deixando-o expressar-se livremente para depois corrigir sua fala ou sua escrita, interrompe o fluxo natural da expressão e da comunicação, corrigindo e avaliando, e assim criando um sentimento de incapacidade e incompetência por parte do aluno.

Assim sabe-se que quando a criança tem seu primeiro contato com a escola, algumas escolas e especificamente alguns professores tendem a instruir as crianças a escreverem de forma ligada a norma-padrão, exigindo construções de frases e textos dentro das normas. Sabemos que o processo de letramento de uma criança se dá por meio de algumas fases e que a criança tem que ficar livre para expressar-se por meio da língua oral ou escrita. Os professores devem utilizar metodologias de ensino que não atrapalhem o processo de aquisição da fala e da escrita, e que consigam contribuir para o desenvolvimento das habilidades linguísticas.

Na perspectiva da pesquisa realizada ao longo deste trabalho com alunos do ensino fundamental e médio, a escola tem como objetivo ensinar de uma forma que o aluno compreenda melhor a sociedade em que vive, o que ela espera de cada um linguisticamente e o que podemos fazer usando as variações linguísticas do português.

Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais orientam:

A questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. (BRASIL – L.P.,1997, p. 26)

A partir dessa afirmação é necessário que a escola enquanto instituição social e os profissionais que se encontram nela entendam que o processo de aquisição da fala e da escrita

se dá de forma contínua e que é preciso considerar os diferentes contextos sociais de uso da língua. A escola tem o papel de levar o aluno à compreensão das variedades linguísticas, e de ensinar a adequação de um registro em detrimento de uma situação de comunicação. A escola deve ainda impedir a disseminação de preconceitos linguísticos gerados a partir de mitos como, por exemplo, o de que há uma forma mais bonita ou melhor de se falar, que o português é muito difícil, ou que as pessoas menos letradas não sabem falar etc. Esses e outros mitos caracterizam o preconceito linguístico existente nos dias de hoje e precisam ser combatidos no contexto escolar e para além dos muros da escola.

4 O UNIVERSO DA PESQUISA, A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR E ANÁLISE DE MARCAS DA ORALIDADE NAS PRODUÇÕES ESCRITAS DOS ALUNOS

4.1 Universo da pesquisa

A fim de observarmos o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, analisando como é o trabalho da professora com essa temática (metodologias empregadas, estratégias, atividades propostas), e como os alunos conseguem compreender o fenômeno estudado, realizamos uma pesquisa de campo na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, localizada no Alto do Cruzeiro, S/N, no centro da cidade de São João do Cariri - PB. O público alvo da pesquisa são os discentes do 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio e a professora de Língua Portuguesa dessas turmas. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram as observações em sala de aula, aplicação de questionário, análises dos livros didáticos referentes às turmas parceiras da pesquisa e, por último, análise da produção de textos dos alunos, a fim de verificarmos a transferência de marcas da oralidade para a escrita.

A partir da aplicação do questionário coletamos, dentre outras informações, dados que nos ajudam na descrição dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Neste sentido, seguem os gráficos contendo a descrição de elementos ligados ao perfil desses sujeitos como, por exemplo, a composição por gênero e por faixa etária das duas turmas integrantes da pesquisa:

Gráficos 1 e 2 – Composição por gênero das turmas do 6º Ano do Ensino Fundamental e do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Jornalista José Leal Ramos.

Gráfico 1 – Composição por gênero

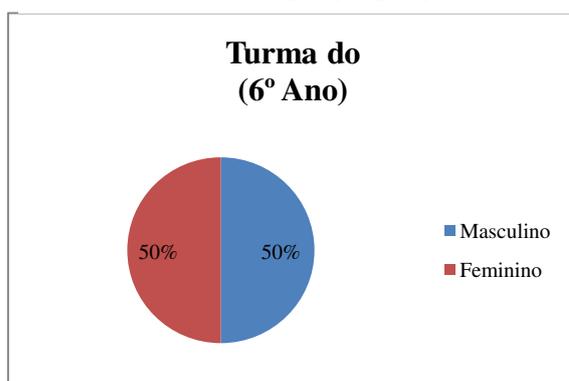
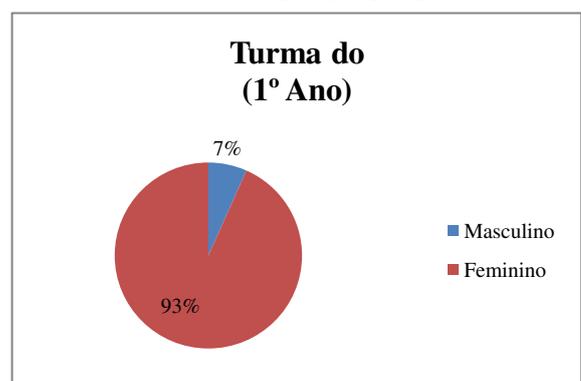


Gráfico 2 - Composição por gênero



Fonte: Construídos com os dados da pesquisa.

A partir da disposição do gráfico 1, observamos que a metade da turma é composta por discentes do gênero masculino e a outra metade por discentes do gênero feminino. Convém destacar que a turma do 6º. Ano é composta por apenas 6(seis) discentes ao todo.

No gráfico 2, observamos que a turma é constituída em seu total por 15 alunos, sendo que 93% dos discentes são do gênero feminino e 7% do gênero masculino. Desta forma, nota-se o predomínio do gênero feminino na composição da turma.

Gráfico 3 – Faixa etária do 6º ano

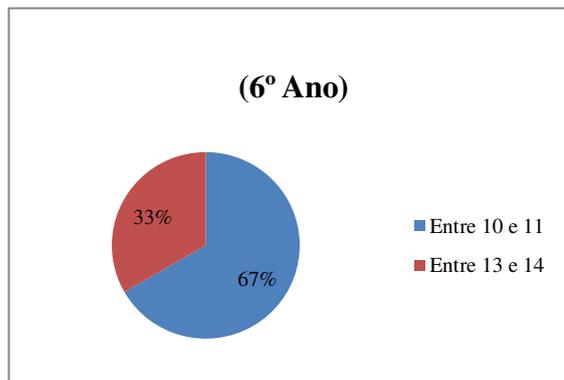
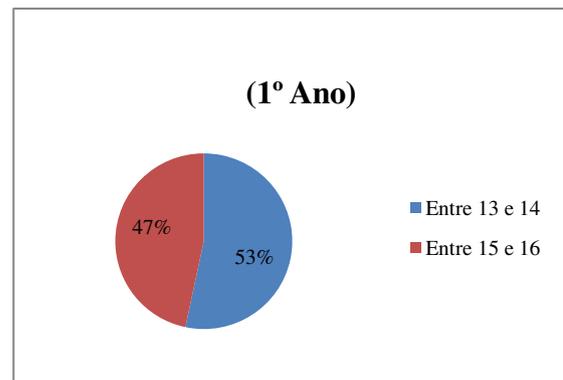


Gráfico 4 – Faixa etária do 1º ano



Fonte: Construídos com os dados da pesquisa.

O gráfico 3 mostra como é composta a turma do 6º ano em relação à faixa etária, sendo 67% de alunos pertencentes à faixa etária entre 10 e 11 anos e 33% de alunos entre 13 e 14 anos. Constatamos assim que o percentual de 33% se encontra fora da faixa etária determinada para a turma em curso.

O gráfico 4 mostra a composição da turma do 1º ano em relação à faixa etária, sendo 53% de alunos pertencentes à faixa etária entre 13 e 14 anos e 47% de alunos entre 15 e 16 anos. Percebemos, com isso, que os alunos estão, de certa forma, dentro da faixa etária regular.

4.2 Os livros didáticos: a variação linguística e análise de aspectos do ensino de língua

Nesta parte passaremos a análise do livro didático de Língua Portuguesa das 2 (duas) turmas integrantes da pesquisa – 6º. Ano do Ensino Fundamental e 1º. Ano do Ensino Médio, a fim de destacarmos se os respectivos livros apresentam em seus capítulos algo referente ao estudo da variação linguística, verificando como o assunto é abordado, a proposta de atividades, a segmentação dos capítulos e conteúdos, dentre outros aspectos ligados ao trabalho com a Análise Linguística (Gramática), à Interpretação de Textos, e à Literatura.

O livro do 6º ano do Ensino Fundamental¹ é segmentado por unidades e cada unidade contém dois capítulos que se subdividem em **Leitura** (interpretação de texto, prática da oralidade, outras linguagens), **Conexões** (língua: usos e reflexão), **Produção de texto** (outro texto do mesmo gênero). O livro está inserido no Programa Nacional do Livro Didático PNLD para os anos 2014, 2015, 2016. Apresenta ainda vários tipos de gêneros em sua composição como: piadas, contos, crônicas, tirinhas, HQ, charges, poesias, anúncios, letras de músicas etc. Em relação à prática da oralidade o livro apresenta um subtópico dentro de cada capítulo que trabalha com a oralidade dentro do contexto como, por exemplo: leitura expressiva e dramatizada, debates.

É possível observar no livro didático do 6º ano do Ensino Fundamental a presença do conteúdo sobre a variação linguística logo na 1ª unidade, especificamente, no capítulo 1, que trata da Língua, uso e reflexão. O conteúdo vem exposto inicialmente através de uma pequena explanação sobre linguagem formal e informal mostrando os diferentes usos da língua dependendo de fatores diversos como, por exemplo: a situação comunicativa, a circunstância, o interlocutor, a intenção, a região, o grupo social, dentre outros. Nesse sentido, o livro aborda de modo específico cada forma de uso da língua utilizando como exemplos charges, quadros comparativos de alguns textos, poemas, contos, entre outros gêneros, para que os alunos possam contextualizar o conteúdo. Na sequência do capítulo o livro traz um subtópico em que se dá continuidade ao conteúdo afirmando que entre as variedades linguísticas existentes, como a regional, a de grupo social, a relativa à idade, ao gênero etc., é possível ver mais além, isto é, que existem duas formas bastante utilizadas, ou seja, o uso dos níveis formal e informal da língua, ressaltando que dentro do nível informal existe ainda o uso de diminutivos, de palavras próprias da linguagem popular, a redução das palavras, e outras expressões populares, gírias. Na parte das curiosidades, que é outro subtópico, o livro traz ainda um breve conceito da palavra “caipira” e um dicionário *caipirês*, contendo dezoito palavras do dialeto caipira.

Ao longo das atividades propostas acerca do Trabalho com a Interpretação de Texto percebemos que algumas são do tipo perguntas e respostas que seguem um encadeamento no texto em análise, mas também há outras que dão margem a reflexões, permitindo ao aluno ir além do contexto linguístico, a fim de construir os possíveis sentidos do texto. O livro em análise não reserva espaço nos capítulos para o glossário.

¹ BORGATTO, Ana Maria Trinconi. **Projeto Teláris: Português**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2012.

Observamos o uso de vários gêneros textuais em um só capítulo, contextualizando todo o trabalho com a análise linguística (Gramática). O trabalho com a Gramática envolve a reflexão por parte dos alunos a partir de algum gênero textual.

O livro didático do 1º ano do Ensino Médio² é segmentado em unidades temáticas e cada unidade contém entre 8 e 10 capítulos que se subdividem em **Literatura, Produção de texto, Língua: uso e reflexão, Interpretação de texto**. O livro dispõe também de uma diversidade de gêneros como, por exemplo, poema, texto teatral, relato pessoal, gêneros digitais como: e-mail, blog, comentário, tutorial, resumo, seminário, debate, artigo de opinião, texto dissertativo-argumentativo. Em relação ao trabalho com a oralidade o livro apresenta um subtópico dentro de cada capítulo que trabalha com a modalidade oral da língua como, por exemplo, debates e proposição de leitura sobre diversas temáticas.

É possível observar também a presença do conteúdo sobre a variação linguística logo na 1ª unidade, especificamente, no capítulo 7, que trata da Língua, uso e reflexão. De início, o livro mostra um trecho de um poema de Patativa do Assaré, artista de pouca escolaridade, natural da região do Cariri, no Ceará, que teve todas as obras publicadas após a sua morte, e que traz, fortemente marcado em seu trabalho, a sua forma de expressão enquanto indivíduo não escolarizado. Mais a frente, o livro traz um trecho que conceitua a variação linguística e pequenos quadros de consulta a respeito da variedade da língua, norma-padrão, língua como expressão de uma identidade grupal. Em continuidade traz conceitos para os termos dialetos, registros e gírias. Apresenta ainda as variedades linguísticas na construção dos textos e mostra como é possível identificar variedades em diferentes tipos de textos.

O trabalho com a literatura neste livro é apresentado em um capítulo dentro de cada unidade por meio de leitura de trechos de obras literárias de autores renomados da nossa literatura brasileira como, por exemplo, Mário de Andrade, Casimiro de Abreu, entre outros. Pode-se perceber ainda que as atividades são contextualizadas e, muitas vezes, fazem interação com outros textos.

Com relação ao trabalho com a interpretação de textos no capítulo dedicado ao tema faz-se o trabalho de leitura e reflexão com ênfase em alguma atividade com gêneros textuais como, por exemplo: as charges, as tirinhas, e imagens ilustrativas. Ao final de cada unidade é perceptível a presença de proposta de atividades extraclasse como, por exemplo, a realização de sarau, leitura dramática e representação teatral, varal de textos, entre outras.

² CEREJA, Willian Roberto. **Português: Linguagens 1. 9.** Ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

No que concerne ao estudo da gramática (Trabalho com a Análise Linguística) percebe-se que o livro trabalha de forma contextualizada, possibilitando a reflexão dos alunos sobre os fatos da língua.

Dessa forma, foi possível perceber que os livros didáticos de ambas as séries se diferem no sentido de que o livro do 6º ano do Ensino Fundamental aborda o conteúdo de forma mais cuidadosa e com a presença de mais elementos referentes ao conteúdo da variação linguística, enquanto o livro do 1º ano do Ensino Médio traz alguns elementos importantes como a referência ao autor Patativa do Assaré, à linguagem por ele utilizada e também destaca os conceitos de dialeto, registro e gíria. Mas aborda tal conteúdo de forma superficial e breve, sem uma exploração mais aprofundada de modo que possibilite uma maior compreensão por parte dos alunos.

4.3 O contexto escolar: vivências em sala de aula

Durante as observações das aulas de Língua Portuguesa na Escola Jornalista José Leal Ramos, nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, foi possível observar como é conduzido o trabalho pela professora da área a respeito dos conteúdos propostos pelo livro didático, especificamente, o conteúdo sobre a variação linguística. Ao longo das observações percebemos a importância dada pela professora a cada conteúdo e a aplicação de atividades diversificadas que iam além das propostas apresentadas pelo livro didático, tornando assim a aula bastante dinâmica para os alunos. Nas observações feitas destacamos a presença de elementos visuais como imagens, que faziam menção ao conteúdo da variação linguística, e de recursos audiovisuais como vídeos, que ilustravam as atividades que eram propostas para os alunos. Convém ressaltarmos também as propostas de atividades que eram lançadas para os alunos instigando-os e motivando-os a conhecer o conteúdo, como a atividade de pesquisa que exigia de cada aluno a pesquisa de textos (letras de músicas, poemas, crônicas etc.) que demonstrassem o fenômeno da variação linguística e, que, posteriormente, cada equipe ficaria encarregada de trazer seu trabalho para ser apresentado em sala de aula.

Ainda sobre as aulas observadas nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio pudemos perceber um bom relacionamento entre a professora e os alunos. Em todo momento havia diálogo sobre determinado conteúdo que estava sendo exposto em sala de aula. As propostas de atividades, as estratégias didáticas, ou seja, a metodologia de ensino corroborava com o assunto que estava sendo trabalhado pela professora e os alunos

realizavam as atividades de forma interativa. As aulas eram dinâmicas, e envolviam materiais audiovisuais e atividades com diferentes tipos de gêneros.

4.3.1 Descrição das aulas sobre variação linguística

Durante encontros semanais de 2 horas-aula, na Escola Jornalista José Leal Ramos, nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, observamos como se desenvolvia o trabalho com a variação linguística em sala de aula a partir de observações e registros acerca da metodologia da professora de Língua Portuguesa. Ao todo foram observadas 48 aulas, tendo sido descritas 12 aulas, ou seja, três aulas duplas em cada turma, totalizando 6 (seis) no Ensino Fundamental e 6 (seis) no Ensino Médio. Convém informar que apenas essas aulas foram descritas porque envolviam o tema sobre a variação linguística, mas a observação abrangeu um número maior de aulas e de visitas à escola. Segue a descrição das respectivas aulas:

6º ano - Ensino Fundamental

- 1ª AULA OBSERVADA

Na primeira aula, pude observar que a professora deu início ao conteúdo fazendo uma sondagem a respeito do conhecimento que os alunos tinham sobre o tema “variação linguística”. Logo em seguida pediu que os alunos acompanhassem o conteúdo pelo livro didático e através dos slides apresentados, que faziam uma explanação mais detalhada sobre o conteúdo. Na ocasião, ela mostrava os diferentes níveis de linguagem, as diferenças regionais, a diferença do português de Portugal do português do Brasil, os diferentes sotaques existentes e que são específicos de cada falante e de cada região. Ao longo da aula, a professora apresentou ainda os fatores implicados na variação linguística, como:

- Faixa etária
- Região
- Gênero
- Situação Econômica
- Grau de escolaridade
- Mercado de Trabalho
- Estilo

- Tempo
- Rede Social

Trouxe ainda alguns personagens da literatura Brasileira como Chico Bento e Patativa do Assaré com um vídeo de Chico Bento intitulado “Chico Bento no Shopping” e um Cordel de Patativa do Assaré intitulado “Ai se Sêsse”.

- 2ª AULA OBSERVADA

Na segunda aula apresentada aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental pudemos observar a continuidade do conteúdo, momento em que a professora trouxe ainda outros elementos que fazem parte da Variação Linguística, como: uso de diminutivos, uso de palavras próprias da linguagem popular, redução das palavras e outras expressões da linguagem popular. Mostrou ainda os níveis de uso formal e informal da língua. Afirmou que a linguagem popular é a que vem do povo e, geralmente, são usados termos bastante informais nesse uso, dependendo do contexto, da situação de comunicação. Diante disso, a professora indagou aos alunos se eles costumavam usar diminutivos nas palavras e se costumavam reduzir? Eles afirmaram que SIM e citaram exemplos como:

- Brincando – brincano
- Estou com fome – tô com fome
- Você está com frio? – você tá com frio?
- Vamos brincar – vamo brincá

Ao término da aula, a professora lançou uma proposta de atividade para ser apresentada na próxima aula que era a seguinte: que os alunos construíssem, a partir das pesquisas com as pessoas da própria cidade, um minidicionário Caririzeiro.

3ª AULA OBSERVADA

Nesta aula a professora pediu que os alunos abrissem o livro no capítulo referente ao conteúdo sobre a variação linguística, na página que continha o subtópico trazendo algumas curiosidades a respeito da variação linguística, e mostrando os gêneros nos quais esse fenômeno pode estar presente como, nas narrativas curtas, em poemas e letras de músicas. Na sequência, ela pediu que os alunos apresentassem as suas produções a respeito do minidicionário Caririzeiro, e cada aluno trouxe palavras do cotidiano do povo caririzeiro

como, por exemplo: **arenga**=briga, **ariado**=atrapalhado, **bulir**=mexer, **cabimento**=atenção, **in riba**=em cima, **inxirido**=intrometido, dentre outras.

1º ano do Ensino Médio

1ª AULA OBSERVADA

No início da aula foi possível ver a preocupação da professora em sondar se os alunos já conheciam algo sobre a variação linguística e, após a sondagem, ela trouxe o Mapa Brasileiro demonstrando as diversas influências culturais que existem no nosso país. Apresentou também o ALIB - Atlas Linguístico Brasileiro, mostrando as diferentes formas de falar dos sujeitos do Brasil e, ainda, as variedades padrão e não padrão da língua. Mostrou que, na variedade linguística, existem diferentes fatores que devem ser observados e compreendidos, como o fator histórico, geográfico, sociocultural, dentre outros. É importante ressaltar que, na aula, a professora destacou os empréstimos Linguísticos que são palavras de outras comunidades ou de outros países que acabam sendo incorporadas ao vocabulário Português.

A professora indagou aos alunos se existia o “certo” ou “errado” em relação à forma de se falar ou escrever? Alguns alunos ficaram meio confusos e pensativos. A partir desse ponto, a professora abordou o preconceito linguístico explicando que, pelo fato de não entendermos o processo de variação, ou seja, que cada pessoa e região têm o seu modo de falar, que não há apenas uma única forma de uso da língua, temos preconceito em relação a outros falantes da língua.

Na aula, a professora lançou uma proposta de atividade para ser entregue no próximo encontro: os alunos deveriam trazer textos de variados gêneros com marcas da variação linguística.

2ª AULA OBSERVADA

Na segunda aula observada foram feitas as amostras das atividades que haviam sido propostas, dois grupos fizeram a apresentação.

GRUPO I – Amostra de charges e HQs que continham marcas da linguagem formal e informal, e em sua maioria textos mais voltados para o dialeto caipira com a presença muito forte de expressões regionais como, por exemplo: *dotô, fô, fazê, danada, pra, nós, bão*.

Em outra amostra trouxe um mapa do Brasil mostrando as diferentes denominações para o alimento *pão* em algumas regiões do país, exemplo: *cacetinho*, *pão de sal*, *pão de gelo*, entre outras. E, por último, uma charge que trazia a fala de um caipira e de um doutor, com expressões populares muito marcantes como: *mucumbu*, *pazes*, *titela*. Na linguagem culta e na acepção científica dos termos: **mucumbu** é o mesmo que **cóccix**, **pazes** é o mesmo que **escápulas**, **titela** é o mesmo que **tórax**.

GRUPO II – trouxe algumas charges e imagens que continham gírias usadas no dia a dia das pessoas e também a linguagem do internetês. E, por último, o grupo fez a leitura de um poema intitulado “Porta da roça”, de Patativa do Assaré, no qual é perceptível a presença da linguagem usada pelo autor, destacando-se elementos regionais, socioculturais e históricos.

No final da aula, a professora lançou uma proposta de atividade que cada grupo teria que apresentar no próximo encontro. A proposta era a seguinte: a partir de várias imagens de mansões, cada grupo deveria descrever, dependendo das várias situações como: uma empregada descrevendo a casa, um arquiteto, um ladrão, uma adolescente, um noivo, um idoso de 70 anos, e um corretor de imóveis.

3ª AULA OBSERVADA

Nesta aula os alunos puderam descrever suas produções a partir de cada situação escolhida. O 1º grupo apresentou como se fosse um arquiteto descrevendo a casa para um dos seus clientes, informando como a casa foi construída. Assim, o grupo usou elementos da profissão de arquiteto como medidas da casa, quantidade de compartimentos que existiam nela e os elementos que existiam tanto internos quanto externos. Já o 2º fez uma representação de uma empregada doméstica ligando para mãe que morava no Nordeste e contando como era a casa que estava trabalhando, abordando detalhes dentre os quais que a casa era grande, com muitos quartos e que tinha até quarto para a empregada dormir. O 3º grupo apresentou como se fosse um ladrão dizendo aos comparsas como era a casa que iriam roubar, detalhando sobre a segurança, câmeras eletrônicas e cerca elétrica, acrescentando que teriam que ter cuidado para não serem pegos. A 4ª. equipe fez uma representação de um homem de 70 anos, que era médico e que, hoje, encontra-se aposentado recordando como conseguiu construir a casa tão desejada por ele e por todos da família. Por fim, o 5º grupo apresentou incorporando o papel de um corretor de imóveis tentando convencer o seu cliente a comprar a casa, informando sobre todos os pontos positivos da casa. O grupo fez a produção em forma de diálogo.

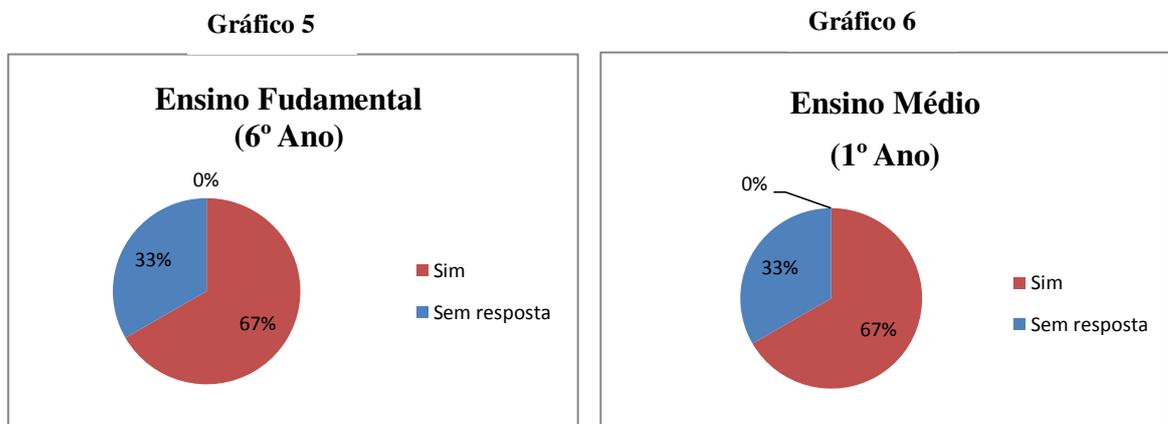
No final da aula, a professora fez a leitura de um capítulo: “O Cheiro de Luzia” do Livro “Ciço de Luzia”, de Efigênio Moura, e exibiu um vídeo sobre o dicionário nordestinês.

4.4 Investigação sobre o fenômeno da variação linguística: apresentação dos resultados dos questionários:

A fim de investigarmos, nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio, como estava ocorrendo o processo de ensino-aprendizagem da variação linguística, decidimos aplicar um questionário com os alunos das duas turmas envolvidas na pesquisa, a saber: as turmas do 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio da Escola Jornalista José Leal Ramos, do Município de São João do Cariri-PB. Os questionários aplicados em ambas as turmas continham 9 (nove) questões cada. Foram usadas questões fechadas e abertas e tais questões foram iguais para as duas turmas, exatamente com o propósito de comparar se havia ou não semelhanças entre as respostas.

Parte-se, nesta etapa, para a análise do questionário respondido pelos alunos para levantamento de dados sobre o conhecimento em relação à Variação Linguística e ao Preconceito Linguístico, objetivando-se, ainda, investigar como ocorre o processo de ensino-aprendizagem sobre esta temática em sala de aula. Os gráficos, a seguir, demonstram os resultados obtidos após a leitura analítica dos dados coletados.

Gráficos 5 e 6 –RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você já ouviu falar em variação linguística? Explique o que você entende sobre o assunto:



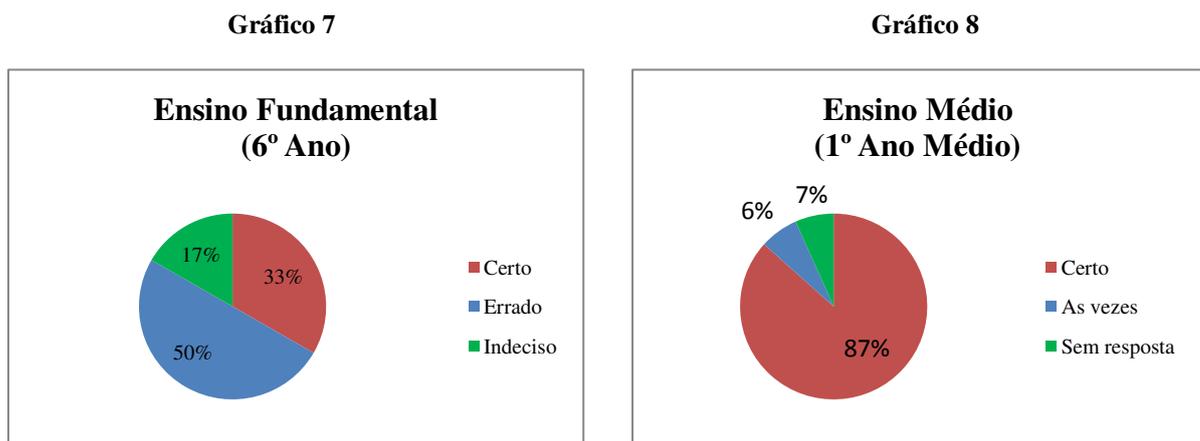
Fonte: Construídos com os dados da pesquisa.

O gráfico 5 mostra que 67% dos alunos do 6º ano já ouviram falar em variação linguística e 33% dos alunos não forneceram resposta. Os alunos que responderam SIM à

pergunta justificaram suas respostas dizendo que variação linguística é: “o modo ou tipo de expressão ou fala”; “palavras que tem sentido”.

O gráfico 6, assim como o gráfico anterior, mostra que 67% dos alunos do 1º. Ano (Ensino Médio) já ouviram falar em variação linguística e 33% dos alunos não forneceram resposta. Os alunos que responderam SIM à pergunta justificaram suas respostas dizendo que variação linguística: “São as diferentes formas de falar, os diferentes sotaques, das diferentes regiões”; “São vários estilos de falas e sotaques”.

Gráficos 7 e 8 –RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você considera a sua forma de falar “certa” ou “errada”? Por quê?



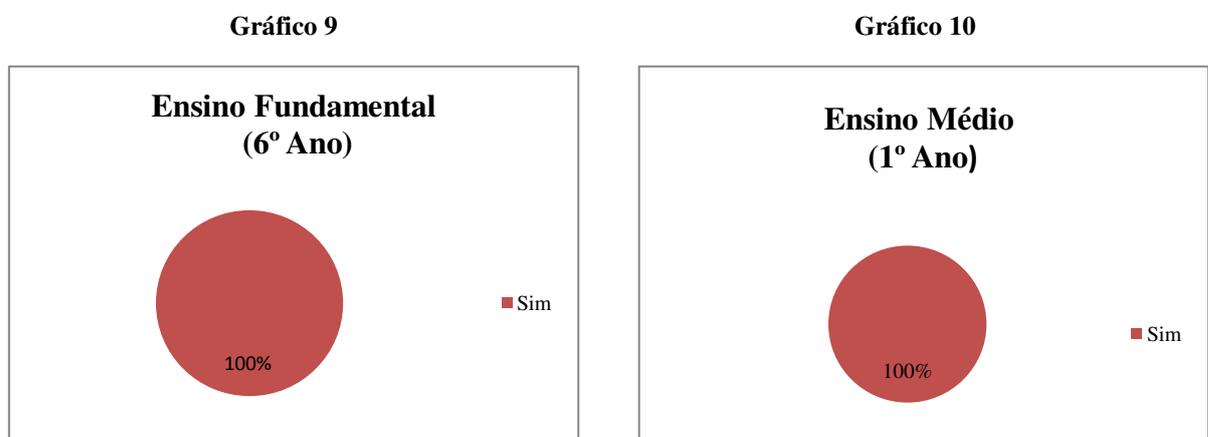
Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico 7 mostra que 33% dos alunos da turma consideram *certa* sua forma de falar, enquanto 50% consideram *errada* e 17% ficaram indecisos. Os que consideram *certa* a forma de falar disseram “que falam do jeito que as pessoas de sua região falam”, outros não se justificaram. Os que consideram *errada* a sua forma de falar justificaram suas respostas dizendo que “existem palavras que não sabem falar”, enquanto outro aluno falou “que ainda está aprendendo a falar de forma correta.” Uma pessoa ficou indecisa em sua resposta, dizendo que: “às vezes, fala *certo* e, às vezes, fala *errado*”.

O gráfico 8 mostra que a maioria acha *certa* sua forma de falar, totalizando 87%. Do total 7% não deram respostas e 6% disseram que “às vezes, consideram *certa*, e, às vezes, consideram *errada* a forma de falar”. Os que responderam SIM à pergunta disseram que: “Porque é a nossa forma de falar, como em outras regiões, cada um tem seu modo de falar corretamente”; “Pois, para nós, é uma forma *certa*, já para outros é *errado*, porque nós “engolimos” os finais das palavras”.

Em suas falas os alunos deixam transparecer formas de preconceito linguístico quando afirmam que acham a sua forma de falar diferente em relação às pessoas que moram em outras regiões, ou seja, admitem que apagam letras ao pronunciar as palavras, ou que falam algumas palavras de modo incorreto. Eles afirmaram que ainda estavam aprendendo a falar corretamente, já que consideram que a forma correta de falar é aquela repassada pelos livros didáticos ou pela gramática normativa, isto é, a norma culta/padrão da língua. Precisamos trabalhar com o aluno no sentido de que ele se conscientize de que não há apenas uma única forma de uso da língua ou uma forma melhor do que outra, ou mais bonita, ou mais correta. Assim, todas as formas são formas legítimas de uso da língua embora alguns usos tenham mais prestígio em relação a outros quando recebem uma avaliação social.

Gráficos 9 e 10 – RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você acha que as pessoas da região Nordeste falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:



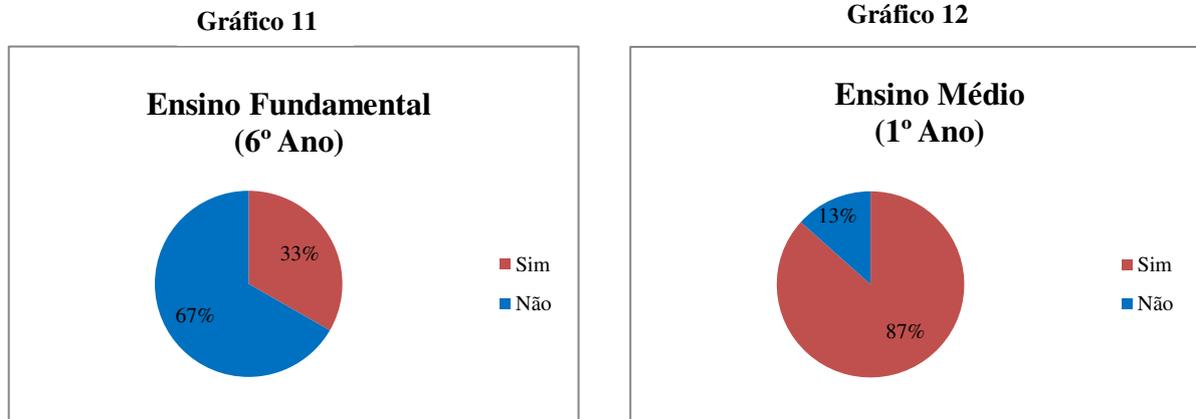
Fonte: Construídos com os dados da pesquisa.

Tanto no gráfico 9 quanto no gráfico 10, 100% dos alunos responderam SIM à pergunta, afirmando que “as pessoas da região nordeste falam de maneira diferente das pessoas de outras regiões”. Os alunos do 6º ano justificaram suas respostas dizendo que: “as pessoas de cada região têm o seu modo de falar”. Já os alunos do 1º ano justificaram suas respostas dizendo que: “o sotaque é algo que identifica as regiões”; “temos sotaques e gírias diferentes.”; “temos exemplos da região Sudeste, no Rio de Janeiro, eles têm um sotaque carioca, ou seja, eles puxam o “s”.” No mesmo sentido dessa resposta, outro aluno disse que: “nós do Nordeste falamos mais puxado.”

Observamos que os discentes parecem ter consciência das diferenças linguísticas existentes entre uma região e outra quando fazem uso de termos como gírias, sotaques, ou por meio da expressão “mais puxado”, evidenciando o conhecimento acerca da variedade

linguística, embora quando indagados sobre o tema nos resultados mostrados nos gráficos 5 e 6, 33% não tenham fornecido respostas.

Gráficos 11 e 12 – RESPOSTAS DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você já ouviu falar em preconceito linguístico?



Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico 11 mostra que 33% dos alunos já ouviram falar em preconceito linguístico, enquanto 67% dos alunos disseram não ter ouvido falar sobre o assunto.

O gráfico 12 mostra que 87% dos alunos já ouviram falar em preconceito linguístico, enquanto 13% dos alunos disseram não ter ouvido falar sobre o tema.

Apenas um aluno do 6º ano justificou sua resposta, dizendo que “um dos preconceitos linguísticos é um nordestino chegar ao sul e ser repreendido pelo seu modo de falar”. Os alunos do 1º ano disseram que existem preconceitos linguísticos, isso acontece quando algumas pessoas não respeitam o modo de falar de outras pessoas e muitos apontaram que esses preconceitos ocorrem mais na região Nordeste.

Voltando às análises apresentadas nos gráficos 9, 10, 11, 12, fica evidente que, muitas vezes, o preconceito linguístico é algo vivenciado, sem que tenhamos total consciência de sua dimensão, ou, ainda, algo que assumimos com submissão e normalidade, quando consideramos a nossa forma de falar inferiorizada em relação a outras. Além disso, há formas veladas de preconceito linguístico, repassadas pelo livro didático que apregoa uma única forma de uso da língua mais próxima da norma padrão, preconizada pela gramática normativa. Devemos lembrar que quaisquer formas de preconceito devem ser evitadas, dentre estas, o preconceito linguístico.

Gráficos 13 e 14 – RESPOSTAS DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

Gráfico 13

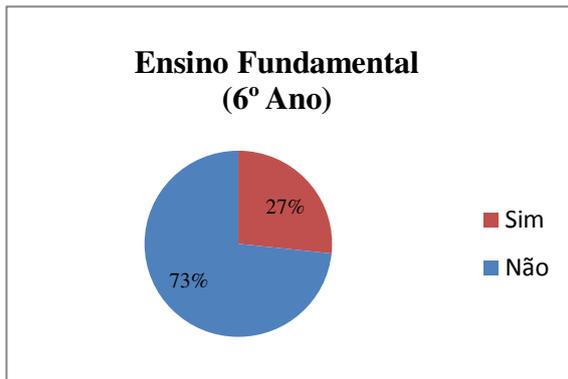
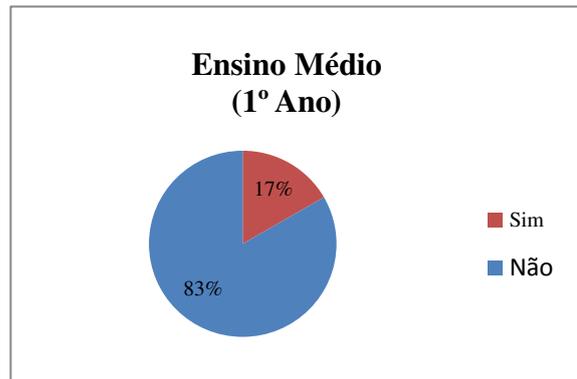


Gráfico 14



Fonte: Pesquisa de Campo

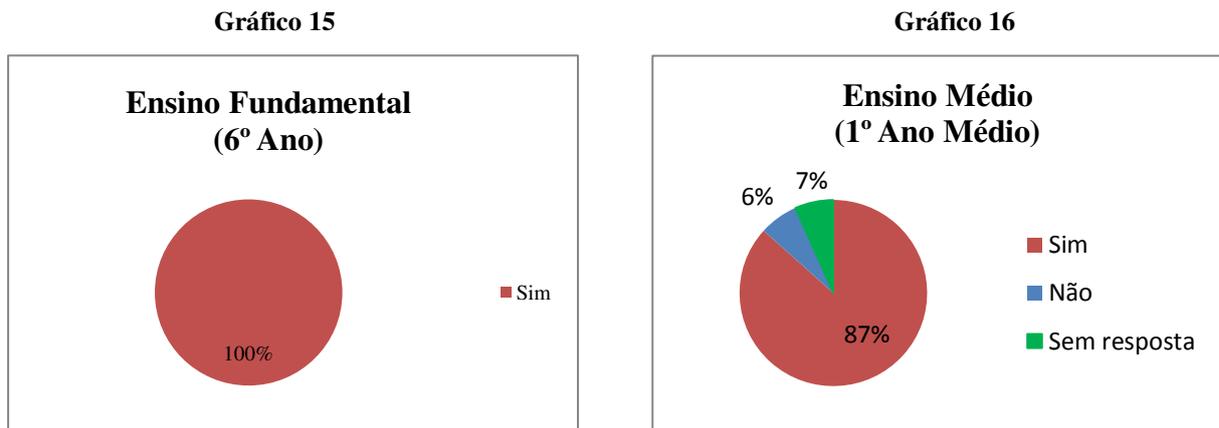
O gráfico 13 mostra que 27% dos respondentes disseram ter sido vítimas do preconceito linguístico e 73% responderam que nunca foram vítimas do preconceito linguístico.

O gráfico 14 mostra que 17% dos respondentes disseram ter sido vítimas do preconceito linguístico e 83% responderam que nunca foram vítimas do preconceito linguístico.

Os alunos do 6º ano não justificaram suas respostas. Por outro lado, os alunos do 1º ano, que disseram ter sido vítimas do preconceito linguístico, justificaram suas respostas dizendo que: “algumas vezes, ao falarem *errado*, tem algumas pessoas que ficam criticando, assim também como o uso de alguns sotaques”.

Percebemos que não apenas os diferentes sotaques estão associados ao preconceito linguístico, mas também o *erro*. Talvez os *erros* de concordância, ou regência ou ainda o apagamento do “S” final das palavras ou do “R” sejam tidos como inadequações no uso da fala pelos próprios usuários que desconhecem o fenômeno da variação linguística.

Gráficos 15 e 16 – RESPOSTAS DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você percebe diferenças entre a fala e a escrita? Quais?



Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico 15 mostra que 100% dos alunos consideraram que existem diferenças entre a fala e a escrita.

O gráfico 16 mostra que 87% dos respondentes disseram haver diferença entre a fala e a escrita, 6% disseram que não existe diferença e 7% não forneceram resposta.

Os alunos do 6º ano que responderam SIM justificaram suas respostas dizendo que “falam de um jeito e escrevem de outro”. Já outro aluno respondeu que: “na escrita exige mais atenção do que na fala”, como se a fala fosse o lugar do erro e a escrita não.

Os alunos do 1º ano que responderam SIM justificaram suas respostas afirmando que “falamos de uma forma e escrevemos de outra forma”; “na fala podemos falar de forma mais espontânea, usamos gírias, repetimos palavras e, na escrita, temos mais cuidado ao pronunciar as palavras.” Outros disseram que “existe diferença, pois não escreve do mesmo modo que fala”.

Convém considerar que a escrita não pode assumir o status de superioridade em relação à língua oral, como se só a fala fosse o lugar do “erro”, da espontaneidade, do uso de termos coloquiais. É preciso que a escola incentive o uso da língua oral em suas atividades tanto quanto o uso da escrita, evitando-se uma falsa premissa de que a fala é o lugar do *erro* e a escrita é a forma *correta* de uso da língua. O aluno precisa aprender que ambos os registros formal e informal integram as duas modalidades da língua.

Gráficos 17 e 18 – RESPOSTAS DOS ALUNOS À PERGUNTA: Nos textos escritos você costuma utilizar gírias?

Gráfico 17

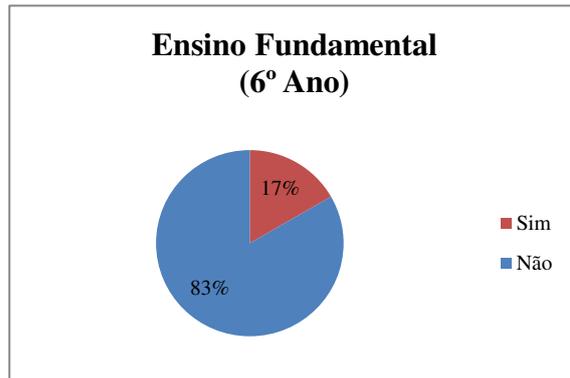
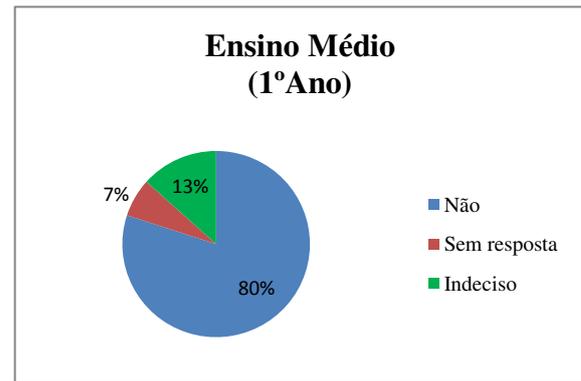


Gráfico 18



Fonte: Pesquisa de Campo

O gráfico 17 mostra que 17% dos alunos utilizam gírias nos textos escritos e 83% não fazem uso de gírias nos textos escritos.

O gráfico 18 mostra que 80% dos alunos não utilizam gírias nos textos escritos, 13% ficaram indecisos nas respostas e 7% não responderam.

É preciso mostrar para o aluno que embora haja relações entre a fala e a escrita, cada uma dessas modalidades guarda as suas características específicas próprias de um contexto de uso e de uma situação de comunicação. Com isso, as gírias devem ser mais utilizadas em textos orais, assim como devemos evitar abreviações nos textos formais como *pra*, *vc*, *tb*, *né* e elementos de ligação como *daí*, *aí*, ou termos explicativos como *tipo assim*. Alguns desses elementos são típicos da modalidade oral da língua. A seguir, passaremos à descrição de marcas da oralidade presentes nos textos escritos produzidos pelos alunos sujeitos desta pesquisa.

4.5 Análise de marcas da oralidade nas produções textuais escritas dos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos

4.5.1 Produções textuais escritas da turma do 6º. ano do Ensino Fundamental

A atividade proposta pela professora à turma do 6º ano era a seguinte: elaborar um resumo a partir da leitura do Conto: “A menina e as balas”, da autora Georgina Martins (2003, p.36-43). Após a leitura e discussão sobre o texto, as atividades foram realizadas pelos alunos.

- ALUNO A

Tema: Conto: “A menina e as balas” (RESUMO)

“A história **fala** sobre uma menina que vendia balas na pracinha, ela via as crianças brincarem e não podia brincar tinha que vender todas as balas. **Daí** uma mulher lhe encontrou **e** quis comprar todas as balas para lhe **ajuda**, **e** não queria receber as balas, mas a menina insistiu até que a mulher pegou as balas **e** a menina voltou para casa, pois se ela voltasse com as balas para casa ela iria apanhar do seu **padastro**. **E** ela vendia **e** não podia comer nenhuma bala.”

Na produção do aluno “A” percebem-se marcas da oralidade como, por exemplo, os termos “fala” e “Daí” que são típicos da modalidade oral da língua e, por isso, deveriam ser substituídos na produção escrita. Observamos a repetição da conjunção “e” que ocorre quando nos comunicamos através da fala e quando se quer dar sequência à narração. Foi encontrada também outra marca como o apagamento do “r” no final da palavra “ajudar” resultando em “ajuda”. Esse apagamento é comum na língua oral, já que o falante tende a falar rapidamente sem pronunciar o final de algumas palavras. E, na palavra “padastro”, houve uma metátese, ou seja, a troca da letra “r” de uma sílaba para outra resultando em *padastro*, o que, possivelmente, possa ser explicado também pela rapidez na pronúncia ou pela dificuldade de se oralizar o grupo consonantal “dras” no meio de sílabas simples.

- ALUNO B

Tema: Conto: “A menina e as balas” (RESUMO)

“Era uma menina que vendia bala ela não **podir** brincar com amigos porque a mãe queria que ela vende-se para **ajuda** em casa. Todos dias uma mulher **vio** ela viu a menina **tever** perna e **compro** as balas para ajudar. O padastro dela se ela não vender as balas ela iria apanhar porque o padastro **davar** nela coitada da menina. Pois seu medo era voltar com as balas porque tinha medo ter apanhar”.

Na produção do aluno “B” percebe-se um desvio na escrita derivado da pronúncia de algumas palavras no ato da fala. Houve o apagamento do “r” na palavra “ajudar” e apagamento do “u” na palavra “compro”, resultando *ajuda* e *compro*. Outra marca encontrada foi o acréscimo do “r” nas palavras “tever” e “davar”, ao invés de *teve* e *dava*, talvez, por influência da pronúncia dos verbos no infinitivo (vender, apanhar, voltar), embora seja mais comum o apagamento e não o acréscimo de fonemas.

O aluno escreveu a palavra “podir” ao invés de *podia*, talvez, em analogia com o outro verbo no infinitivo “brincar.” A palavra “vio” ao invés de *veio*, provavelmente, foi um desvio

ortográfico que ocasionou a falta de um fonema. A expressão “davar nela” (dava nela), no sentido de “batia nela”, imprime ao texto um traço mais próprio da fala popular, espontânea.

- ALUNO C

Tema: Conto: “A menina e as balas” (RESUMO)

“Todos os dias uma menina ia vender balas na porta **de** uma lanchonete para **ganha** dinheiro a lanchonete estava **de** frente **de** uma pracinha que tinha **muitas criança** todo os dias **de** tarde **ela** estava ali vendendo para sustentar sua família o patrão que **dodos** os dias as **balas** se **ela** não vendece as **balas** **ela** não ganhava dinheiro mas um dia uma mulher **compro da as** balas da menina mas **ela** não queria as **balas** a menina disse: que **ela** tinha que **ela** **aceita** as **balas** que se **ela** não vendece as **balas** quando **ela** **chega** em casa **ela** ia **leva** uma pisa do seu padrao a mulher disse: você leva **as bala** para sua casa **é** come. Menina disse: mas eu não posso **come** uma bala tia”.

Na produção do aluno “C” foram encontradas diversas marcas da oralidade como: apagamento do “r” nas palavras “ganha”, “aceita”, “chega”, “leva” e “come”, que deveriam ser *ganhar, aceitar, chegar, levar e comer* (verbos no infinitivo); apagamento do “u” no verbo *compro* (comprou); repetições da palavras “balas”, da preposição “de” e do pronome “ela”. Essas repetições ocorrem quando nos comunicamos através da fala e quando se quer dar sequência aos fatos narrados, retomando o tema ou assunto, a fim de encadear as ideias. As construções “muitas criança” e “as bala” sofrem redução nas marcas de concordância e de plural respectivamente, uma vez que o falante, geralmente, tende a marcar o plural apenas uma vez dentro de uma construção com mais de um elemento, o mesmo se aplica à concordância. Esse aspecto acaba sendo transferido para a escrita.

- ALUNO D

Tema: Conto: “A menina e as balas” (RESUMO)

“Era uma ver uma menina que todos os dias vendia balas na frete de uma lanchonete para ajudar em casa. Ele vendia **deventi** de uma pracinha que tinha muitas crianças **todo os dia** ele **tava la** de tarde ali vendendo e ela não podia comer **ne um** doce”.

Na produção do aluno “D” foram encontradas algumas marcas na grafia das palavras, provavelmente influenciadas pelo uso oral da língua: a redução no início da palavra *tava* (estava), o apagamento da letra “s” que indica a concordância no plural na expressão “todo os dia” (todos os dias), que aparece apenas no artigo “os”, como se fosse suficiente para marcar

toda a expressão. A grafia do termo “ne um” ao invés de *nenhum* pode ter sido ocasionada pela percepção do fonema “h” como consoante muda, o que provocou o seu apagamento, reforçado pela nasalidade do fonema “n”. Percebe-se também na grafia da palavra “ver” ao invés de “vez” outro traço da oralidade transferido para a escrita, tendo em vista que, na fala, alguns usuários relaxam na pronúncia do fonema “z” soando como se fosse o “r” final dos verbos no infinitivo. Percebe-se nesta produção que o aluno usa o termo “deventi” ao invés de *de frente*, isso ocorre porque alguns falantes tendem a trocar o fonema “f” pelo “v”, devido à proximidade dos traços distintivos desses fonemas (ambos fricativos, labiodentais e alveolares). A junção dos termos da locução, possivelmente, pode ser explicada pela rapidez na pronúncia da palavra.

As marcas da oralidade mais encontradas nas produções dos alunos do 6º. ano foram apagamentos de fonemas, repetições de palavras e algumas abreviações. Detectamos também problemas mais relacionados à ortografia como, a troca de fonemas com o mesmo som nas palavras “incistiu” (insistiu) e “vendece” (vendesse).

4.5.2 Produções textuais escritas da turma do 1º. Ano do Ensino Médio

Tema: Proposta de Redação: “Pequenas Corrupções – Diga Não”

A proposta de produção se deu a partir de quatro textos motivadores e dos conhecimentos adquiridos ao longo da formação dos alunos a respeito das corrupções no país. O primeiro texto foi quantitativo, indicando números sobre a corrupção no país, o segundo texto ilustrativo a partir de imagens que fazem alusão a “Não corrupção”, o terceiro que retrata uma campanha em prol do estímulo à ética na sociedade e o quarto outro texto ilustrativo, que traz a bandeira do Brasil e, ao centro, a frase “jeitinho é corrupção.

- ALUNO A

Tema: Proposta de Redação: “Pequenas Corrupções – Diga Não”

“**Bom** com base nos textos descritos na página anterior podemos ver que a corrupção está cada vez maior em nosso país. E vemos também que o texto cita vários exemplos de “pequenas corrupções” como: “furar fila”, “colar na prova” entre outros o que os brasileiros não sabem é que essas “pequenas corrupções” podem se tornar a “corrupção” em si, como por exemplo: subornar um guarda de trânsito, roubar um banco, entre vários outros.

Podemos ver também que “nós” que não cometemos essas “corrupções” temos que educar nossos filhos no “caminho” certo, ensinando a eles o que é certo e o que é errado como se um menino “roubar” 2 R\$ ele pode muito bem ter a capacidade de roubar 2 milhões R\$ por exemplo.

As “corrupções” nos cercam por todo lugar e temos que estar preparados pois a qualquer momento a gente (brasileiros) cair nela então temos que dizer “NÃO” a corrupção, se vemos alguém cometendo qualquer tipo de corrupção iremos lá, até o individuo e falamos que isso é totalmente errado e que ele(a) não faça nunca mais, isso vale tanto **pra** criança quanto **pro** adulto.

Então estes foram meus argumentos e soluções para o problema, espero que ajude a torna-lo cada vez mais difícil em nosso país só não mas no mundo todo”.

Na produção do aluno “A” percebe-se que ele inicia o texto utilizando o termo “Bom”, termo que não deve ser utilizado para iniciar uma produção textual por ser mais típico da fala, sendo usado para retomar o assunto, dar continuidade à conversa. Percebem-se abreviações nas palavras “pra” e “pro”, termos utilizados na espontaneidade da fala, na escrita, o mais adequado seria escrever *para* e *para o*.

- ALUNO B

Tema: Proposta de Redação: “Pequenas Corrupções – Diga Não”

“Podemos dizer que a sociedade brasileira é corrupta? Claro que sim, os brasileiros são estimulados a desde criança a cometer atitudes desse porte, achamos muitas vezes que atitudes assim são normais, mais não são? Atitudes muita vezes nos leva a mal conduta.

A corrupção não é um fato isolado da sociedade, pelo **o** contrário, as pequenas corrupção esta presente no nosso dia a dia, como se fosse atitudes **irrelevantes mais** não são. Todas as vezes que cometemos o ato de corrupção em nosso dia a dia, ficamos sem moral para lutamos contra a corrupção politica.

Não podemos aceitar a corrupção do dia a dia pois se aceitamos essa pequenas corrupções atomaticamente com as corrupções grandes estamos dando o sinal verde e muitas pessoas não enxerga que **fura** fila é uma corrupção gravíssima, mas a sociedade **so** acha que as corrupção esta **so** no ambiente politico.

As consequências são gravíssima e podem ser inúmeras, os pais devem refletir sobre esse assunto tão importante, para poder educar melhor e também quem tem um papel muito importante é a escola para poder conscientizar os alunos e assim os tornar melhores cidadãos. Para agente ter moral para acabar com as corrupções mais problemáticas no ambiente politico, para acabar com esse mal do século a corrupção de uma forma geral”.

Na produção do Aluno “B” houve uma troca da palavra “mais”, ao invés de *mas*, já que o falante tende a pronunciar acrescentando um “i” depois da vogal “a”, o que faz com que, na escrita, o registro seja dessa forma. Outras marcas da oralidade transpostas para a escrita são o apagamento do “r” no final da palavra “fura” ao invés de *furar*, e a repetição da palavra “so”/só, a qual poderia ser substituída pela palavra *apenas* na frase “so no ambiente politico”. A grafia da palavra “irrelevante” pode estar associada também a aspectos da oralidade, ou seja, o falante pronuncia dessa forma e acaba por grafar assim. O mesmo pode ocorrer com as palavras *indêntico* / idêntico, *ignorante* / ignorante, dentre outras, em alusão à grafia de palavras como independente, inteligente.

- ALUNO C

Tema: Proposta de Redação: “Pequenas Corrupções – Diga Não”

“**Vamos as** pequenas corrupções **bem** tem vários **agente ver** isso quase todo dia acontece muito em nosso lugar e também em cidades maior.

Então vou citar algumas corrupções como: **fura** fila, **tar** filando uma prova do colega **tenta** passar a perna no amigo, querer **trapassar** um guarda para não ser multado essas são umas das pequenas corrupções não temos que dizer não porque isso pode levar a fazer **más** coisas graves. **Quen** rouba 10 reais pode roubar 2 milhões isso é **un** problema **graver**.

Vamos ter **un** pouco de dignidade e respeito pelo **o** nosso Brasil agente tem que ter solidariedade do país varias pessoa não esta dizendo todos mas as maiorias fazem corrupções **más** isso pode como **dever leva** a ser injustiçados. Por que temos que ter honestidade caráter e ética boa eu queria que todos essa **turbolença mudace** e o Brasil fosse um pais melhor e responsabilidade povos de deus vamos todos pela justiça. Diga não as pequenas corrupções temos que melhorar o nosso Brasil”.

Na produção do aluno “E” percebe-se que falta pontuação, há problemas de concordância, acentuação, troca de fonemas, dentre outros. O termo “bem” é típico da língua oral, sendo utilizado com a mesma função da palavra “bom”, no sentido de imprimir ao diálogo uma continuidade. Na escrita, dispomos de outros recursos para estabelecermos essa continuidade. Outra marca encontrada é no termo “agente ver” muito utilizado na oralidade ao invés de “nós” e, na escrita, muitas vezes, não é diferenciado de *a gente*. O termo *agente* é um substantivo comum e se refere à pessoa que faz algo, enquanto o outro (*a gente*) é uma locução pronominal equivalente ao pronome pessoal do caso reto “nós”. Esse mesmo termo “agente ver” pode ser substituído pelo pronome *nós vemos*. Encontramos também o apagamento do “r” nas palavras “fura”, “tenta”, “leva”, ao invés de *furar*, *tentar*, *levar*. Há também uma redução da palavra “tar” ao invés de *estar*. Existe também o acréscimo do “r”

nas palavras “graver” e “dever” que deveriam ser *grave* e *deve*. Há também o uso do termo “más” ao invés de *mais* exprimindo intensidade/quantidade, como também atribuindo a ideia de oposição. No caso do uso dos termos “un” ao invés de *um* e “quen” ao invés de *quem*, percebe-se outra marca da oralidade já que os fonemas “n” e “m”, na língua oral, possuem o mesmo som no final das palavras.

Detectamos também problemas que estão mais relacionados à ortografia como, a troca de fonemas com o mesmo som na palavra “mudace”, ao invés de *mudasse*, provavelmente, propiciada por traços da língua oral. O mesmo se aplica à palavra “turbolença”, ao invés de *turbulência*, já que percebemos a troca de fonemas e o apagamento da vogal “i”.

- ALUNO D

Tema: Proposta de Redação: “Pequenas Corrupções – Diga Não”

“Corrupção algo que está sendo abrangente no mundo de hoje, a criminalidade do nosso país só aumenta, não temos mais privacidade tudo está meio desnotado, fora do seu devido lugar, ou seja, é preciso nós **cidadoes** mudarmos esse problema.

Esse assunto nas sociedades brasileiras são como opiniões lixos aos poucos as vão abrindo os olhos e percebem que os erros são cometidos por si mesmo, políticos roubam, mas para isso, nós **cidadoes**, estamos dando todos os motivos possíveis para isso acontecer.

Em questão a política e corrupção, são fatos que no nosso cotidiano são encarados, política machista, roubos, falta de segurança, democracia e é com esses e mais fatos que nosso país a **cada dia mais vai ao chão**.

Educação bem elaborada no mundo de hoje é **tipo ganhar na mega sena**, ou seja, é raro, maioria dos professores estão sendo corruptos pelo fato de não ter tamanha **precerverança** em ensinar, e sim, **com olhos no salários** que até mesmo é pouco.

Aceitar essas corrupções no nosso cotidiano é meio difícil, mas sabendo que para isso diminuir é preciso cada um fazer sua parte”.

Na produção do aluno “F” encontramos a expressão “a cada dia mais vai ao chão”, característica da linguagem popular, que poderia ser substituída por decadência, declínio, descaimento, entre outras. O mesmo se aplica à expressão “com olhos no salários”, podendo ser substituída por “visando bons salários”. O uso da palavra “tipo” na frase “é tipo ganhar na mega sena” também é próprio da fala, uma gíria muito utilizada em algumas regiões, mais comumente: “tipo assim”.

Detectamos também problemas mais relacionados à ortografia como, a troca de fonemas com o mesmo som na palavra “precerverança” por (perseverança), havendo também o acréscimo de fonema e deslocamento, fenômenos influenciados pela fala. O uso do plural

“cidadoes” ao invés de “cidadãos” devido à multiplicidade de formas ofertadas pela língua para algumas palavras terminadas em “ão”.

- ALUNO E

Tema: Esporte, educação e inclusão.

Este tema surge a partir de outra proposta de produção textual orientado pela professora para um projeto que vem sendo desenvolvido na escola (Projeto Jovem Senador 2016) que propõe a elaboração de uma dissertação argumentativa para uma possível avaliação e classificação dos alunos.

Tema: Esporte, educação e inclusão

“O esporte na **escola** e muito importante para os alunos como na nossa **escola** so tem futsal e a quadra esta em maus condições **poderia aumenta** o espaso da nossa **escola** ter mais modalidades seria um desenvolvimento muito grande para **escola** e também para cidade e **ajudano** os alunos a se desenvolver mais **abilidades**.

Poderia fazer um ginásio na **nossa cidade** uma pisina com profesor para encinar natação isto era bastante importante para **nossa cidade** e a população ficaria muito agradecida **poderia ter** mais esportes incluindo na **nossa cidade** além de natação **poderia ter** quadro **pra** voleibol atletismo e muito mais”.

Na produção do aluno “C” percebem-se repetições das palavras “escola”, “cidade”, seguida do pronome possessivo nossa, do verbo poderia, seguido dos verbos fazer e ter, o que empobrece o texto. Na escrita, podemos fazer uso de pronomes, de expressões sinônimas, dentre outros recursos disponíveis na língua, a fim de evitarmos repetições. Outra marca encontrada foi o apagamento do “r” na palavra “aumenta” que deveria ser *aumentar* e a redução do “d” no termo “ajudano” ao invés de *ajudando*, ambos apagamentos ou reduções são utilizados na modalidade oral da língua e, muitas vezes, acabam sendo transferidos para as produções textuais. Percebe-se abreviação na palavra “pra”, termo utilizado na espontaneidade da fala por sua constituição mais rápida e objetiva. Percebe-se na palavra “abilidade”, que deveria ser *habilidade*, o apagamento da letra “h”, isso ocorre pelo fato de o fonema ser mudo, ou seja, na pronúncia, escutamos apenas o som da vogal que o acompanha e muitos falantes não conseguem perceber essa característica.

- ALUNO F

Tema: Esporte, educação e inclusão.

“**Pratica** um esporte faz muito bem para a saúde **é** pode ser muito divertido também, mas muitas pessoas hoje em dia não pratica esporte por conta da sua aparência ou até mesmo condições financeiras.

O esporte tem capacidade de **entrega** crianças e jovens das comunidades na sociedade e **transforma** suas vidas dando mais educação e com a educação que uma criança recebe em seus primeiros anos é um legado que é levado para toda sua vida.

A maioria das escolas não tem **discusos** para o **esporte e** muitas pessoas deixa de **pratica** porque sua escola não tem o **esporte** que ela gostaria muitas escolas e ate cidades não tem estrutura para as pessoas pratica um esporte e isso deixa os cidadãos muitos desmotivados a pratica.

O governo deveria **investi mas** no **esporte**. Com o **esporte** tiraria os jovens da rua daria mais educação e **investia** nesses jovens que teria um futuro bem melhor e também trazia o **esporte** para pessoas com limitação físicas para as escolas”.

Na produção do aluno “D” foi encontrado o apagamento do “r” no final das palavras “pratica”, transforma”, investi” que deveriam ser *praticar, transformar, investir*. Outra marca da modalidade falada transposta para a escrita é o desvio na escrita derivado da pronúncia, com isso, o aluno escreveu a palavra “investia” ao invés de *investia*, por influencia da oralidade. Há repetições de palavras como “esporte”, a conjunção “e”, recurso muito recorrente na fala quando estamos narrando um episódio. Há inadequação vocabular “entrega(r)” ao invés de *integra(r)*, talvez ocasionada por lapso de memória. Houve o uso da conjunção “mas” ao invés do advérbio “mais”. Geralmente, nesse uso, ocorre o contrário por influência da fala, entretanto, a proximidade nas pronúncias das duas palavras pode ter gerado a troca.

Percebemos nos textos analisados da turma do Ensino Médio apagamento de fonemas em sílabas finais das palavras, troca e deslocamento de fonemas, relaxamento na pronúncia final de verbos no gerúndio resultando “ajudano” ao invés de “ajudando”, dentre outros exemplos. Observamos também o uso abundante do conectivo “e”, a fim de imprimir uma continuidade ao texto, recurso muito empregado na fala, como também a repetição de determinados substantivos gerando um empobrecimento no texto. Detectamos ainda problemas ligados às questões de ortografia, ou seja, a grafia de palavras com sons semelhantes, ou que envolviam os dígrafos, geralmente, levava o aluno a registrar a palavra de modo inadequado. Obviamente, a pronúncia também influenciava na forma de se grafar a palavra e as características da língua oral eram transferidas para a escrita, muitas vezes, de forma espontânea ou, talvez, inconsciente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desenvolvido em etapas que contemplaram a pesquisa de campo com observações em sala de aula, aplicação de questionários, análise dos livros didáticos e das produções textuais dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, a fim de observarmos como se desenvolvia o trabalho com a variação linguística, verificando, entre outros aspectos, as marcas da oralidade na modalidade escrita da língua. As turmas referidas acima integram o corpo discente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, situada na cidade de São João do Cariri – PB, campo de nossa pesquisa.

As produções textuais realizadas pelos alunos possibilitaram a investigação de marcas da oralidade, evidenciando como a língua oral influencia a escrita, o que leva os alunos a transferirem elementos da fala para a escrita. Grosso modo, isso acontece porque, na fala, apagamos alguns fonemas em sílabas finais de palavras, deslocamos outros de posição na emissão rápida dos sons, trocamos fonemas por outros como, por exemplo, “e” por “i”, “o” por “u” etc., dependendo do contexto linguístico em que esses elementos aparecem. Com isso, espontaneamente, muitas vezes, esses traços são transpostos para a escrita.

Não podemos desconsiderar que nos comunicamos através de duas modalidades da língua: a modalidade falada e a escrita em seus graus de formalidade e informalidade. É preciso considerar ainda que nenhuma modalidade é mais ou menos importante do que a outra, tanto a fala como a escrita são sistemas linguísticos que têm o mesmo objetivo: a comunicação, isto é, a interação humana. Ambas as modalidades da língua são dinâmicas, interativas e igualmente eficazes em termos de comunicação. Nesta perspectiva, a escola tem o papel fundamental de tornar o aluno apto a conhecer as duas modalidades. É dever do professor de língua, nas aulas de Língua Portuguesa, promover esse conhecimento, e proporcionar momentos de fala e escrita, levando os alunos à aquisição das competências linguísticas necessárias ao uso proficiente da língua.

Sabemos que a criança já chega à escola falando, mas cabe ao professor ajudar o aluno na aquisição da escrita fazendo a mediação por meio de um trabalho efetivo. Dessa forma, no processo de aquisição da escrita, não deve ocorrer uma simples transcrição da fala para a escrita, mas sim o exercício constante de atividades que propiciem o treinamento da escrita e reescrita de textos, em diversos gêneros e graus de formalidade da língua, bem como atividades de leitura. Sendo assim, a escrita não deve ser concebida como mera transcrição da fala.

De certo modo, ainda percebemos que os alunos tendem a transferir traços da oralidade para a escrita em um processo quase inconsciente e natural. Isso ocorre, muitas vezes, por falta de conhecimento sobre as características principais das duas modalidades de uso da língua, ou ainda, por falta de conhecimento sobre as possibilidades de variação da língua em função de uma situação específica de comunicação.

Almejamos, ao longo do trabalho, ter fornecido uma breve análise sobre os estudos da Sociolinguística com destaque para o fenômeno da variação linguística, sobre os aspectos da fala e da escrita, destacando as características e relações entre as duas modalidades da língua, bem como ter contribuído com uma breve análise sobre as marcas da oralidade nas produções textuais escritas dos alunos, como forma de ilustrar o fenômeno.

Esperamos ter conseguido propor uma reflexão sobre os aspectos voltados para a variação linguística que deve ser vista como um fenômeno sociocultural e histórico. Vislumbramos ainda ter suscitado inquietações acerca da importância do trabalho com essa temática em sala de aula, a fim de promover a valorização das variedades linguísticas, combatendo possíveis formas de preconceito dirigidas aos usos da língua distantes da norma padrão.

Por fim, sugerimos que sejam oportunizados, na escola, momentos de fala e escrita, em diferentes graus de formalidade da língua, e em situações de comunicação diversificadas, no sentido de se promover um uso efetivo da língua, estimulando o exercício constante dessas práticas. Não podemos deixar de mencionar também a necessidade de realização do trabalho com a leitura de textos variados, possibilitando o contato do aluno com estilos diferenciados de escrita e gêneros de textos, o que contribuirá para a percepção de características da língua escrita e desenvolvimento de habilidades necessárias ao desempenho das atividades de linguagem.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. **O que são regras de gramática? Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2001 a.
- _____. **Português ou brasileiro: convite à pesquisa**. 3. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2002c. 182 p.
- _____. **Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?** 51^a. Ed. São Paulo: Loyola, 1999-2008.
- BRASIL, MEC/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BORTINI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Nós chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & mudança: a escrita**. 10. ed. São Paulo: Editora Scipione, 2008.
- _____. **Alfabetização & linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, R., G. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo, SE/CENEP. 1988, 3v., p.29-41.
- ELIAS, Vanda Maria. **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O; AQUINO, Zilda Gbaspar de Oliveira. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna.** 6º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO. A. P. (orgs.) **Fala e escrita.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 10. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

_____. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização.** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PESSOA, Ercilene Azevedo Silva. **O tratamento da variação linguística no ensino de língua portuguesa.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. 123 f.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2009. 144 p.

SAUSSURE, Fernando de. **Curso de linguística geral.** 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Maria do Socorro. **Educação do Campo e Desenvolvimento: uma relação construída ao longo da história,** 2004 (mimeo).

SOUSA, R. M. A Sociolinguística na Formação Docente. In: FÉLIX, J. d'Arc B (org.). **Aprendendo a aprender.** UniCEU – Faculdade de Ciências da Educação – Guia de Formação para Professores das Séries Iniciais – Convênio com a Secretaria de Educação GDF, 2005.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A variação linguística e o ensino de língua materna.** In:_____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus.* 5º ed. São Paulo: Cortez, 2000.

WEINREICH, Uriel; LAVOB, William; HERZOG, Marvin In: **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

APÊNDICE A – FOTOS

Foto 1 – Aplicação do questionário (6º Ano)
Acervo: Viviane Almeida



Foto 2 – Aplicação do questionário (1º Ano)
Acervo: Viviane Almeida



Foto 3 – Observação em sala de aula (6º Ano)
Acervo: Viviane Almeida



Foto 4 – Observação em sala de aula (1º Ano)
Acervo: Viviane Almeida



Foto 5 – Produção Textual (6º Ano)
Acervo: Viviane Almeida



Foto 6 – Produção Textual (1º Ano)
Acervo: Viviane Almeida



APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido – CDSA
Unidade Acadêmica de Educação do Campo – UAEDUC
Componente Curricular: TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)

Questionário (levantamento de dados para a pesquisa)

Ano: _____

Idade: _____

Sexo: _____

Naturalidade: _____

- 1- Você já ouviu falar em variação linguística? Explique o que você entende sobre o assunto:

- 2- Você considera a sua forma de falar “certa” ou “errada”? Por quê?

- 3- Você acha que as pessoas da região nordeste falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:

- 4- Você já ouviu falar em preconceito linguístico?
() sim () não

- 5- Caso a sua resposta tenha sido sim, escreva o que você entende sobre preconceito linguístico:

- 6- Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

- 7- Você percebe diferenças entre a fala e a escrita? Quais?

- 8- Quais as gírias que você costuma usar em seu dia a dia?

- 9- Nos textos escritos, você costuma utilizar gírias?